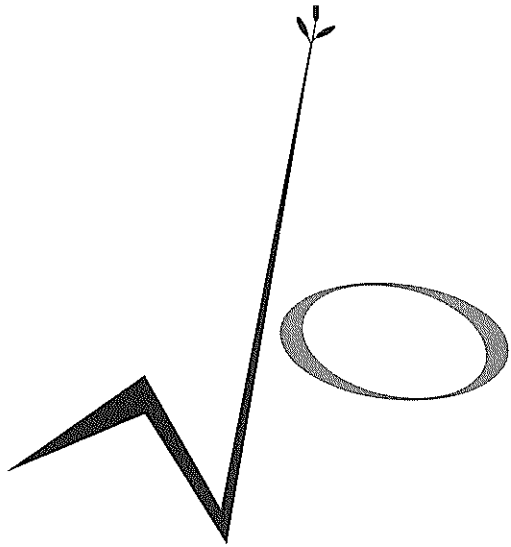


# 1700 ANOS
# DO MARTÍRIO DE S. VICENTE

**NOVELLAE OLIVARUM**



# NOVELLAE OLIVARUM

**FICHA TÉCNICA**

COORDENAÇÃO
Cónego João Marcos (Director)
Bruno Machado (Sub-Director)
Alexandre Palma
Filipe Santos
Diác. Nuno Amador
Ricardo Cristóvão
Ricardo Homem
Rui Martins
Rui Pedro
Valter Malaquias

NOVELLAE OLIVARUM
Revista de Teologia e Cultura
do Seminário dos Olivais

DIRECÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Seminário dos Olivais
1800 Lisboa
Telf. 219457370
Fax 219457379
Endereço Electrónico:
seminarioolivais.no.sapo.pt
E-mail: novellaeolivarum@sapo.pt

DEPOSITO LEGAL: N.º 2912/83

EXECUÇÃO GRÁFICA
Gráfica Povoense, Lda.
www.graficapovoense.com

TIRAGEM
500 exemplares

PREÇO
4,50 €



# SUMÁRIO


EDITORIAL 5
Bruno Machado

DOS SERMÕES DE SANTO AGOSTINHO
EM HONRA DO MÁRTIR S. VICENTE 9

EXEMPLARIDADE DO MARTÍRIO CRISTÃO 15
Cardeal Saraiva Martins

DIACONIA E MARTYRIA.
OS SINAIS DA ESPERANÇA NA NOVA EVANGELIZAÇÃO 29
Diácono João Carmona

O MINISTÉRIO DO DIÁCONO NA IGREJA DE HOJE 55
Professor Doutor Pe. H. Noronha Galvão

O DIACONADO PERMANENTE NA IGREJA DE LISBOA 67
Cónego Francisco Tito

TESTEMUNHOS

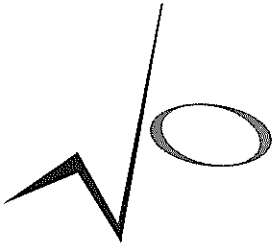
AO SERVIÇO DO REINO 79
Diácono José Freire

TESTEMUNHO 83
Diácono José Alberto Carvalho da Silva

TESTEMUNHO 85
Acácio Lopes

TESTEMUNHO DOS ALUNOS DO CURSO CARDEAL RIBEIRO SOBRE A VIAGEM À GUINÉ 91

CRÓNICA 95
Valter Malaquias



# EDITORIAL

Bruno Machado

*Ninguém tem mais amor*
*do que quem dá a vida pelos seus amigos* (Jo 15, 13)

A fecundidade do mergulho nas águas santas do baptismo vislumbra-se, abundantemente, no testemunho daqueles que seguiram o Cordeiro até ao dom de si mesmos, na entrega generosa da própria vida – trata-se de um *face-a-face* com Deus que conduz à máxima fecundidade do dom recebido *naquele altíssimo e profundo primeiro-olhar, que, num segundo, tudo ilumina.*[1] Celebrar 1700 anos do martírio de S. Vicente significa contemplar o Mistério Pascal de Jesus Cristo, actualizado e saboreado na vida e no ministério do Santo Mártir de Saragoça. De tão insigne Padroeiro aprendemos a valorizar a aventura da fidelidade a Deus. Porque é disso que se trata, de um testemunho de fidelidade a Jesus Cristo, *uma profissão de fé, com o risco da própria vida, que se aceita perder em nome de um valor maior.*[2]

Presente, desde o século XII, na Igreja que peregrina

[1] Hino de Vésperas de Sexta-Feira, Tempo Comum.
[2] D. José da Cruz Policarpo, Homília do Cardeal Patriarca de Lisboa na Solenidade de S. Vicente, Padroeiro Principal do Patriarcado, 22 de Janeiro de 2002.

em Lisboa, S. Vicente acompanha-a com a sua intercessão e ilumina-a com o seu precioso testemunho e por isso é *digno e justo* que celebremos com grande solenidade os 1700 anos do seu martírio; partindo desta ocorrência surgiu o presente número da *Novellae Olivarum* que tendes nas vossas mãos.

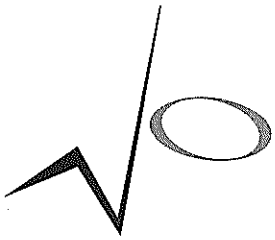
O culto de S. Vicente é atestadc em África já no século IV, onde são lidas as *Actas da Paixão*. Iniciamos, por isso, este número com alguns excertos dos sermões de Santo Agostinho que assinalam já a importância e singularidade de tal culto. Após este testemunho, apresentamos a reflexão do Cardeal José Saraiva Martins sobre a exemplaridade do martírio Cristão. Partindo da relação entre Igreja e Martírio, o distinto Prefeitc da Congregação para a Causa dos Santos, ajuda-nos a compreender o valor inestimável do martírio como realidade especificamente cristã e eclesial que brota da misericordiosa presença do Espírito de Deus junto do seu povo. No seu seguimento, o Diácono João Carmona situa a especificidade do martírio cristão na empresa evangelizadora da Igreja, recuperando assim a importância dos sinais na Nova Evangelização. O testemunho da fidelidade, a coerência entre a pregação do Evangelho e a autenticidade da vida cristã, constitui hoje um desafio incomensurável na missão de todos os cristãos na Igreja de Deus.

O Mártir S. Vicente exerceu um fecundo ministério diaconal na Igreja de Saragoça. Na concordância das *Actas* do seu martírio, recolhemos que se dedicou ao estudo das ciências sagradas e profanas sob a direcção do Bispo Valério, que lhe confiou o múnus da pregação. É por isso mesmo que aproveitamos a ocasião para reflectir sobre tal ministério. Pedimos o contributo do Professor H. Noronha Galvão, antigo Cronista da *Novellae Olivarum*, que nos ajuda a compreender a especificidade de tal ministério e a sua mais valia na Igreja que se lança no Terceiro Milénio.

Realidade muito presente na Igreja dos primeiros séculos, o diaconado é, desde o Concílio II do Vaticano, uma presença concreta no horizonte teológico-pastoral da Igreja Universal e, nomeadamente da Igreja de Lisboa. Uma vez que no Patriarcado o número daqueles que são chamados ao ministério diaconal é significativo solicitámos a avaliação do responsável diocesano pela formação dos diáconos permanentes que, entre os números e o seu significado, nos situa na realidade concreta da nossa Diocese. Por fim, o testemunho de um candidato ao ministério e de dois diáconos permanentes ilustra a misericórdia de Deus que não deixa de se compadecer do seu povo e de lhe enviar dignos servidores do Evangelho.

No ano passado a tradicional viagem de finalistas transformou-se numa experiência fecunda de missão na Guiné – o Curso Cardeal Ribeiro, com quem damos graças a Deus pela recente ordenação diaconal dos seus membros, relata-nos a sua experiência, na simplicidade e alegria do seu testemunho, ao qual se segue a tradicional crónica que manifesta, para vós, tudo quanto vamos experimentando neste caminho comunitário e eclesial de seguimento do Senhor.

Por fim não podemos deixar de assinalar, nesta hora solene da celebração dos 1700 anos do Martírio de S. Vicente, a nomeação dos novos cónegos do Cabido da Sé Patriarcal, nomeadamente os dois membros da Equipa formadora do nosso Seminário. Assim, saudamos o Senhor Cónego Francisco Tito, vice-reitor e o Senhor Cónego João Marcos, Director Espiritual – S. Vicente interceda por eles nestas novas responsabilidades no governo da Diocese, de quem é distinto Padroeiro, e nos alcance de Deus a graça do dom sublime da fidelidade ao Seu Evangelho.



# DOS SERMÕES DE SANTO AGOSTINHO EM HONRA DO MÁRTIR S. VICENTE

*Chegaram até nós cinco sermões de Santo Agostinho preparados em honra de S. Vicente, no dia 22 de Janeiro dos anos 410 e seguintes. (PL 38, 1253 e ss.) Oferecemos aos leitores da Novellae Olivarum, no início deste número comemorativo dos 1700 anos do martírio do Padroeiro de Lisboa um texto elaborado com extractos dos três sermões pregados em 410, 411 e 412 em lugar por nós desconhecido, provavelmente Hipona ou Cartago.*

*Do sermão 274*

Grande espectáculo acabamos de presenciar com os olhos da fé: trata-se do Santo Mártir Vicente, em tudo vencedor. Venceu nas palavras, venceu nos tormentos, venceu na confissão, venceu na tribulação, venceu abrasado pelo fogo, venceu lançado às ondas, venceu atormentado, venceu mesmo depois de morto. Guando a sua carne, na qual estava o troféu de Cristo vencedor, era lançada da pequena barca para o mar, dizia tacitamente: *abatidos até ao extremo. mas não aniquilados* (2Cor 4, 9). Quem deu esta paciência ao seu soldado senão Aquele que antes derramou por ele o seu Sangue? A Ele se diz no salmo: *Tu és a minha paciência, Senhor; Senhor és Tu a minha esperança desde a*

*juventude* (Sl 70, 5). Um grande combate grande glória acumula, não humana nem temporal, mas divina e eterna. A fé luta, e quando a fé luta ninguém derrota a carne. Porque se é certo que a despedaçam e desconjuntam, não conseguem destruir aquele que foi redimido pelo Sangue de Cristo.

*Do sermão 275*

Era tanto o sofrimento nos membros e tanta a segurança nas palavras, que um parecia ser o atormentado e outro o que falava. E, de facto, era outro, pois isto predisse e prometeu o Senhor aos seus mártires, dizendo: *Não sereis vós a falar, mas o Espírito de vosso Pai é que falará em vós* (Mt 10, 20). No Senhor, pois, seja louvado este Mártir. Pois que é o homem se o Senhor não se lembra dele? Ou que força terá o pó da terra se não o ajuda Aquele que nos criou do pó da terra? Assim, *quem se gloria, glorie-se no Senhor* (1Cor 1, 31). Pois se o espírito diabólico e sedutor incha as mais das vezes os seus falsos profetas e os seus falsos mártires, e uns se infligem tormentos a si mesmos e outros desprezam os que lhos infligem, é fácil para o Senhor Nosso Deus, que para confirmar a pregação do Seu nome, entregue a carne dos seus pregadores nas mãos daqueles que os perseguem e eleve a sua alma à cidadela da liberdade, de sorte que enquanto aquela suporta a iniquidade, esta proclama a verdade. Quer dizer que não é o sofrimento mas a justiça quem faz vencedores, porque aos mártires distingue-os a causa, não o tormento. Muitos, com efeito, suportaram dores por teimosia e não por constância, por vício e não por virtude, por erro perverso e não por justa razão. O diabo, porque os possuía, não os perseguia. Mas em nosso vencedor Vicente, vencia Aquele que o possuía; possuía-o Aquele que havia lançado fora o príncipe deste mundo, de sorte que fosse vencido também em batalha exterior aquele que já interiormente o não poderia dominar. Aquele que foi lançado fora ronda sem cessar como um leão rugidor, mas derrota-o por nós Aquele que, depois de o lançar fora, reina em nós.

Mais se atormentava o diabo por não derrotar Vicente que este pela perseguição do diabo. Porque quanto mais cruéis e refinados eram aqueles tormentos, com tanta mais glória triunfava dos seus carrascos o atormentado, e daquela carne que sofria como de terra regada por seu próprio sangue, crescia a palma de que o inimigo se contristava. Mas este ocultamente se assanha, e vencido, ocultamente se aflige e, por isso, manifestamente aparecia no presidente, homem, o que ocultamente padecia o diabo, e o inimigo invisível denunciava-se por entre as fracturas daquele pobre vaso crepitante que ele ocupara. Com efeito, as palavras deste homem, os seus olhos, as suas feições, a turbulenta agitação de todo o seu corpo, davam bem a entender quão mais graves eram os tormentos por ele sentidos interiormente que os tormentos exteriores infligidos ao Mártir. Se consideramos a turvação do que atormenta e a tranquilidade do que sofre os tormentos, vemos facilmente quem estava no sofrimento e quem estava acima do sofrimento. Que delícias não haverá naqueles que reinam pela virtude quando tão grandes se vêem nos que morrem pela verdade? Que será a fonte da vida na imortalidade do nosso corpo, quando umas gotas do seu orvalho é tão doce entre os tormentos? E que fará nos ímpios a eterna chama quando assim os devasta a insânia do seu coração irado? Que sofrerão quando forem julgados aqueles que já ao julgar são assim atormentados? Que poder não terão os futuros juízos dos santos, quando já nesta vida o humilde estrado do mártir atormenta a alta tribuna do juiz?

*Do sermão 276*

No corpo do Mártir Vicente, totalmente marcado pelos vários suplícios, foram muitos os tormentos e permaneciam firmes os membros. Vencida embora por tantos milagres, persistia a impiedade; vexada por tantas torturas, não cedia a debilidade. Reconheça-se, pois, aí, a obra da divindade. Porque em tudo isto há-de ser reconhecido o Senhor, só o Senhor há-de ser glorificado.

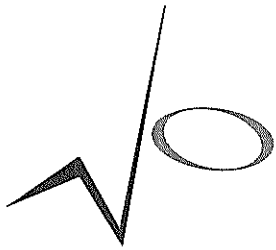
Apenas será louvado Aquele que na primeira vocação deu a fé e na última paixão o valor. Quereis saber como uma e outra coisa são dadas? Escutai o Apóstolo Paulo: *A vós*, diz, *foi concedido por Cristo não só que n'Ele acrediteis mas também que por Ele padeçais* (Fil 1, 29). Uma e outra coisa recebera o levita Vicente; uma e outra recebera e conservara. Pois que teria se as não tivesse recebido? Tinha firmeza no falar, tinha paciência no sofrer. Ninguém presuma, pois, do seu coração, quando pronuncia uma palavra; ninguém se fie em suas forças quando sofre a tentação. Porque se prudentemente falamos do bem, do Senhor vem a nossa sabedoria; se valorosamente suportamos o mal, d'Ele vem a nossa paciência. Recordai como Cristo Senhor admoesta os seus discípulos no Evangelho; recordai como o Rei dos Mártires habilita espiritualmente os seus companheiros de armas, como lhes indica os combates, lhes proporciona os auxílios, lhes promete galardões. Disse aos seus: *neste mundo tereis aflições*..., mas logo para os consolar, porque se assustaram, acrescentou: *mas tende confiança, Eu venci o mundo* (Jo 16, 33). Que maravilha, pois, caríssimos irmãos, se Vicente vence n'Aquele por quem o mundo foi vencido? *Neste mundo*, diz o Senhor, *tereis aflições*, mas de maneira que se afligem, não afoguem e se combatem, não triunfem.

Duplo exército lança o mundo a combater contra os soldados de Cristo. Reparai irmãos: digo que o mundo leva um duplo exército a travar batalha contra os soldados de Cristo. Com efeito, afaga para enganar e aterroriza para quebrantar. Não nos domine o próprio prazer, não nos aterrorize a crueldade alheia e vencido está o mundo. A ambos flancos acode Cristo e, assim, o cristão não é vencido.

Tantos tormentos tornavam mais ilustre para nós o Mártir Vicente. E, com efeito, cosido por tanta variedade de feridas, não abandonava o combate, mas voltava a ele com

mais energia. Poder-se-ia pensar que a chama o endurecia e não o queimava, e como o forno de oleiro que recebe o barro frágil, o convertia em dura telha. Podia o nosso Mártir dizer a Daciano: já teu fogo não queima a minha carne, *pois secou como telha a minha virtude* (Sl 21, 16). E como com toda a verdade está escrito que *o forno do oleiro prova os vasos, e a provação e a tribulação o homem justo* (Ecli 27, 6), Vicente foi provado e cosido por aquele fogo, mas quem ardeu e crepitou foi Daciano.

Mas, irmãos, a raiva de Daciano e os sofrimentos de Vicente, tudo ficou no passado. Agora, o sofrimento é para Daciano e a coroa para Vicente. Proclamemos nós também, já neste mundo, a glória dos mártires. Que região, que província do Império romano ou qualquer parte aonde chegou o nome cristão não se alegra hoje a celebrar o martírio de Vicente? E quem teria ouvido hoje sequer o nome de Daciano, se não tivesse lido o martírio de Vicente? E no maravilhoso cuidado com que o Senhor guardou o corpo, que outra coisa nos quis dar a entender senão que foi Ele quem governou em vida aquele que na morte não abandonou? Venceu pois Vicente, estando vivo, a Daciano. Venceu-o também depois de morto. Vivo, calcou aos pés os tormentos; morto, atravessou os mares. Dirigiu entre as ondas o cadáver defunto, Aquele que nos suplícios lhe concedeu ânimo invicto. A raivosa chama do algoz não dobrou o seu coração e a água do mar não submergiu o seu corpo. Mas nisto, e em todos os outros casos semelhantes, outra coisa não vemos senão que *é preciosa aos olhos do Senhor a morte dos seus santos* (Sl 115, 15).



# EXEMPLARIDADE DO MARTÍRIO CRISTÃO

*Cardeal José Saraiva Martins*
*Prefeito da Congregação para as Causas dos Santos*

Na sua mensagem dirigida às Academias Pontifícias por ocasião de uma sua sessão académica sobre *Os Mártires e as suas memórias monumentais, pedras vivas na construção da Europa*, o Santo Padre João Paulo II escreveu recentemente que esse tema oferece *uma chave de leitura singular da mudança de época que estamos a viver na Europa*. Efectivamente, as comunicações lidas durante o simpósio eram orientadas para a *descoberta dos laços profundos entre a história de ontem e a de hoje, entre o testemunho evangélico oferecido corajosamente nos primeiros séculos da era cristã por numerosos homens e mulheres e o testemunho que, também nos nossos dias, tantos crentes em Cristo continuam a oferecer ao mundo para reafirmar a primazia do Evangelho de Cristo e da caridade*[1].

Este número monográfico de *Novellae Olivarum* dedicado a São Vicente Mártir, Padroeiro principal do

[1] João Paulo II, Mensagem de 3 de Novembro de 2003: L'Osservatore Romano, 8-XI-2003, p.6.

Patriarcado de Lisboa, para comemorar os 1700 anos do seu martírio, oferece-nos a cportunidade para reflectir sobre a exemplaridade e actualidade do testemunho dos mártires.

## 1. A Igreja e o martírio

O Papa Bento XIV, autor na primeira metade do séc. XVIII de uma obra monumental sobre a canonização dcs Santos que ainda hoje é texto de consulta obrigatória, define o martírio como aceitação voluntária da morte pela fé cristã ou por um outro acto de virtude sobrenatural.

O martírio requer antes de mais a morte física, mas essa não basta. Efectivamente, como explica Santo Agostinho com um estilo lapidário, *martyres non facit poena, sed causa*[2], não é a pena – ou seja a morte – a fazer os mártires, mas a causa pela qual morrem, isto é, o amor pelo qual eles não hesitam em aceitar a morte em vez de renunciar à fé, perante o ódio daqueles que quereriam extirpar toda e qualquer manifestação de fé, até ao ponto de matarem aqueles que a professam na própria vida e dela dão testemunho com as obras.

O culto cristão prestadc aos santos teve início espontaneamente no Império romano com a veneração dos mártires durante o período das perseguições. Desde o seu inícic, a Igreja percebeu que havia uma ligação particular entre o sacrifício de Cristo e o sacrifício dos mártires, como se comprova claramente pelo facto de o povo cristão se reunir junto do túmulo dos mártires onde se celebrava a Eucaristia no aniversário da sua morte, comemorado como *dies natalis*, dia do nascimento para a vida que Cristo obteve para nós e que dura para sempre. Pelo mesmo motivo, o cânone romano da Missa contém um elenco de mártires que são associados de um modo particular ao santo Sacrifício.

2 S. AGOSTINHO, Enarrationes in Psalmos, 34, s. 2, 13-15: Opere, vol. 25, cap. 13, 1.

Precisamente porque com a morte tinham dado o testemunho mais eficaz da fé que professavam, os mártires dos primeiros séculos foram chamados *confessores*, termo que só depois de terminarem as perseguições romanas começou a aplicar-se também àqueles que tinham vivido santamente, isto é, que tinham testemunhado a fé com as obras, mesmo sem a efusão do sangue. Com o passar do tempo, consolidou-se a terminologia que usamos actualmente, segundo a qual são chamados *mártires* aqueles que deram um testemunho cruento, ao passo que os outros santos são chamados *confessores*.

É bom que se tenha presente que a Igreja primitiva viveu e se desenvolveu durante os três primeiros séculos num clima de perseguição. O cristão sabia que a profissão da sua fé exigia o compromisso, selado por muitos com o próprio sangue, de não renegar a fé mesmo a custo da vida. Foi neste ambiente que a Igreja, fecundada pelo sangue dos mártires[3], se estendeu por toda a parte, graças não a uma pregação pública – tornada impossível pelos éditos persecutórios – mas graças àquilc que hoje chamaríamos apostolado pessoal dos seus fiéis, que difundiam a Boa Nova entre amigos e conhecidos, com o resultado humanamente impensável de obter a conversão de todo o Império romano.

O martírio marca deste modo a espiritualidade da Igreja desde as origens. Nos primeiros três séculos, cada cristão era consciente de ter assumido o compromisso de ser fiel até ao fim, mesmo com o risco da própria vida, sabendo que a possibilidade de sofrer a morte não era uma hipótese remota, mas incumbia sobre cada um e verificava-se para alguns, que eram venerados pela comunidade, a qual via neles um modelo e exemplo daquilo que devia ser a atitude de todos. O combate espiritual daqueles nossos irmãos na fé tinha como ponto de referência a necessidade

[3] Sanguis martyrum semen christianorum (TERTULIANO, Apologet., 50: PL 1, 535).

de estarem prontos a perder a própria vida.

A era dos mártires, todavia, não terminou com a conversão do Imperador Constantino. O martírio é antes de mais um dom concedido por Deus à Igreja, e toda a sua peregrinação sobre esta terra é marcada por ele. É por isso que o martírio nunca faltou no decurso da história duas vezes milenária da Igreja. Em 1992, João Paulo II afirmou: *Como testemunha de Cristo crucificado e ressuscitado, a Igreja não pode esquecer que durante o nosso século* (estávamos ainda no século XX), *no Continente europeu amadureceu uma messe particular de martírio, talvez a maior depois dos primeiros séculos do Cristianismo*[4]. E, na Carta Apostólica para a preparação do Grande Jubileu do Terceiro Milénio, o Santo Padre afirma:

> *No final do segundo milénio, a Igreja tornou-se novamente Igreja de mártires. As perseguições contra os crentes – sacerdotes, religiosos e leigos – realizaram uma grande sementeira de mártires em várias partes do mundo... No nosso século voltaram os mártires, muitas vezes desconhecidos, como que "soldados desconhecidos" (militi ignoti) da grande causa de Deus. Tanto quanto seja possível não se devem deixar perder na Igreja os seus testemunhos,... é necessário que as Igrejas locais façam tudo o que está ao seu alcance para não deixar perecer a memória de quantos padeceram o martírio*[5].

Que aspectos do testemunho dos mártires pôs em evidência o Papa? Antes de mais, de acordo com o

[4] JOÃO PAULO II, Discurso aos Presidentes das Conferências episcopais europeias de 1-XII-1992: Insegnamenti 15/2 (1992), p. 973.
[5] JOÃO PAULO II, Carta Ap. Tertio Millennio adveniente, 10-XI-1994, n. 37 (nesta e nas citações sucessivas, o itálico faz parte do texto original).

ensinamento do actual Pontífice, esses mártires enriqueceram a Igreja, *completaram no seu martírio o testemunho redentor de Cristo (cfr. Col 1, 24) e, ao mesmo tempo, estão na base de um mundo novo, da nova Europa e da nova civilização*[6]. A sua morte proclama em alta voz a verdade sobre Cristo e a verdade sobre o homem. É significativo deste ponto de vista que o Santo Padre tenha inserido as celebrações da beatificação de mártires no programa das suas viagens apostólicas, sobretudo nos Países até há pouco dominados pelo comunismo. É por este motivo que lemos na Bula da proclamação do Grande Jubileu para o Terceiro Milénio:

> *Também este século, que caminha para o seu ocaso, conheceu numerosíssimos mártires, sobretudo por causa do nazismo, do comunismo e das lutas raciais ou tribais. Sofreram pela sua fé pessoas de todas as condições sociais, pagando com o sangue a sua adesão a Cristo e à Igreja ou enfrentando corajosamente infindáveis anos de prisão e de privações de todo o género, para não cederem a uma ideologia que se transformou num regime de cruel ditadura. Do ponto de vista psicológico, o martírio é a prova mais eloquente da verdade da fé, que consegue dar um rosto humano inclusive à morte mais violenta e manifestar a sua beleza mesmo nas perseguições mais atrozes. Inundados pela graça do próximo ano jubilar, poderemos mais vigorosamente erguer ao Pai o nosso hino de gratidão, cantando: Te martyrum candidatus laudat exercitus*[7]

---

[6] JOÃO PAULO II, Varcare la soglia della speranza, ed. ital., Milano 1994, p. 193. Cfr. Exort. Apost. Pós-sinodal Ecclesia in Europa, 28-VI-2003, n. 13.
[7] JOÃO PAULO II, Bula Incarnationis mysterium, 29-XI-1998, n. 13

O Papa sublinhou também a eloquência ecuménica do testemunho dos mártires: *O ecumenismo dos santos, dos mártires, é talvez o mais persuasivo. A communio sanctorum fala com uma voz mais alta do que a voz dos factores de divisão*[8]. E, explicitando melhor o seu pensamento no que diz respeito à união entre o Oriente e o Ocidente e a superação das barreiras que ainda são de obstáculo, o Santo Padre afirma:

> *Falei da vontade do Pai, do espaço espiritual onde cada comunidade escuta o apelo a superar os obstáculos à unidade. Pois bem, todas as Comunidades cristãs sabem que semelhante exigência e uma tal superação, graças à força que o Espírito dá, não estão fora do seu alcance. Com efeito, todas têm mártires da fé cristã. Não obstante o drama da divisão, estes irmãos conservaram em si mesmos uma união a Cristo e a seu Pai tão radical que pôde chegar até ao derramamento do sangue. Mas não é, porventura, essa mesma união que é chamada em causa naquilo que classifiquei como "diálogo da conversão"? Não é, por acaso, este diálogo que sublinha a necessidade de seguir em toda a sua profundidade a experiência da verdade para a plena comunhão?*[9].

O martírio é, portanto, um dom de Deus e uma componente essencial da peregrinação da Igreja no decurso da história. Desde o início, o sangue dos mártires, unido ao sacrifício de Cristo, constituiu a linfa vital que alimentou o crescimento do povo de Deus, fazendo com que as suas raízes penetrassem sempre mais profundamente e

[8] JOÃO PAULO II, Carta Ap. Tertio Millennio adveniente, 10-XI-1994, n. 37.
[9] JOÃO PAULO II, Enc. Ut unum sint, 25-V-1995, n. 83.

produzissem frutos de santidade nos seus membros, e que a mensagem do Evangelho chegasse até aos últimos confins da terra. O testemunho dos mártires é, portanto, fermento que actua ininterruptamente através dos séculos e fonte de esperança para o futuro.

São estas as razões que explicam porque, desde o início do seu Pontificado em 1978 até todo o 2003, João Paulo II tenha realizado a beatificação de 1031 mártires e a canonização de 402.

## 2. Os mártires

A reflexão teológica considera o martírio como o acto mais perfeito da virtude da caridade e ensina que esse, por uma certa semelhança com o baptismo, limpa toda a mancha de culpa ou de pecado e livra de qualquer pena devida às faltas da vida anterior.

É verdade que há mártires cuja conduta tinha deixado algo a desejar antes que dessem a sua vida pela fé, mas é igualmente verdade que o martírio é um dom que Deus concede à sua Igreja geralmente na pessoa daqueles que, apesar de não estarem isentos de fraquezas, se tornaram dignos de o receber mediante a prática constante das virtudes.

Lendo os Actos dos mártires, dos primeiros séculos até aos nossos dias, podemos por vezes ficar com a impressão de que eles eram homens e mulheres com uma têmpera fora do comum, diferentes de nós, que não temiam a morte e até nem experimentavam a dor das torturas. Devemos pelo contrário persuadir-nos de que eram iguais a nós, sentiram a dor e tiveram medo, mas superaram-no com a graça de Deus. É profundamente significativo o testemunho de um mártir leigo, casado e insigne humanista do séc. XVI, São Tomás Moro, proclamado recentemente patrono dos políticos[10]. Enquanto esperava a decapitação,

[10] JOÃO PAULO II, Motu pr. de 31-X-2000: AAS 93 (2001), pp. 76-80.

encarcerado na Torre de Londres, escreveu a crónica do seu estado de espírito e da sua confiança em Deus na sua obra póstuma e incompleta *De tristitia Christi* ou então *Expositio Passionis Domini*, cuja primeira parte é intitulada *De tristitia, taedio, pavore et oratione Christi ante captionem eius*. Pergunta ele aí se não é inconveniente que Jesus, na oração do Getsémani, sinta medo diante da morte, quase esmagado pela angústia dos sofrimentos eminentes. Responde que os que sustentam essa opinião:

> *Não avaliam todos os aspectos da questão, não colhem de modo exacto o que na verdade Cristo queria quando ordenava aos seus fiéis que não tivessem medo da morte. Ele não lhes pedia que não tivessem absolutamente medo, mas que não o tivessem em tal medida que devessem fugir da morte que dura um só instante para precipitar, renegando a fé, na morte eterna. Queria que os seus soldados fossem fortes e ajuizados, não obtusos e insensatos. Quem é forte suporta aquilo que faz mal, quem é obtuso não o nota. O insensato não teme os sofrimentos, o sensato não deixa que o temor dos sofrimentos o tire do bem precipitando-o em sofrimentos muito mais graves do que aqueles que tinha querido evitar*[11].

E mais adiante, revelando o próprio estado de espírito, acrescenta:

> *No que diz respeito à eficácia do exemplo daqueles que enfrentam alegremente o suplício, não nego que possa ser utilíssimo a muitos; mas,*

[11] TOMMASO MORO, Nell'orto degli ulivi, 2ª ed., Milano 1985, p. 27.

*dado que, geralmente, não se é demasiado corajosos diante da morte, quem pode dizer que não é pelo contrário mais útil o exemplo daqueles que vemos angustiados e aterrorizados com a ideia do suplício, e todavia conseguem abater as barreiras do medo, da repulsa e da angústia que o aprisionam como portas de ferro e, fazendo saltar todas as correntes, entram impetuosamente no céu, triunfantes sobre a morte? São precisamente estes que dão confiança e coragem à gente comum, que não é feita de heróis e que, vendo-os tão semelhantes a si no medo e na angústia, tem confiança que não capitulará diante da incumbente perseguição, apesar de se sentir oprimida pela tristeza, pelo medo, pelo abatimento e pelo horror de uma morte cruel*[12].

Entre os mártires encontramos pessoas de todas as idades e condições: adolescentes por vezes quase crianças, homens e mulheres maduros, idosos. Todos experimentaram a fraqueza da natureza humana e fugiam da morte, mas neles triunfou a graça, que os tornou capazes de dar o seu testemunho e de superar os próprios limites. Jesus preanuncia a perseguição e o martírio como uma característica que acompanhará a peregrinação da Igreja ao longo da história e não diz que esses seus discípulos que forem chamados a derramar por Ele o próprio sangue não provarão o medo e a angústia, mas assegura-lhes a assistência da graça que os tornará capazes de superar todos os obstáculos: se esse momento chegar – diz Ele – *não vos preocupeis nem como haveis de falar nem com o que haveis de dizer; nessa altura vos será inspirado o que tiverdes de dizer. Não sereis vós a falar, mas o Espírito do vosso Pai é que falará por vós* (*Mt*, 10, 19-20).

[12] Ibid., p. 62

## 3. O testemunho dos mártires e a santidade dos membros do povo de Deus

O exército incalculável dos mártires e dos santos é um manancial de energia para toda a Igreja e para cada um daqueles que pertencem ao povo de Deus. A sua fidelidade não só é fecunda, mas também exemplar. Mas, em que consiste essa sua exemplaridade? Que lição nos ensina o sangue derramado pelos mártires para confessar a fé?

É óbvia a resposta mais imediata a estas interrogações: o sacrifício dos mártires coloca diante dos nossos olhos que todo o cristão deve estar disposto a confessar a própria fé mesmo com o risco da vida. Todavia, para nós que vivemos nos Países do Ocidente europeu a perspectiva do martírio apresenta-se bastante longínqua no horizonte da nossa existência real. Deveríamos por isso contentar-nos em recordar com gratidão a fortaleza desses nossos irmãos e irmãs reduzindo a sua memória a um episódio de um passado mais ou menos próximo? O sangue por eles derramado irriga também a nossa vida quotidiana?

Para responder a estas perguntas concretas é oportuno recordar que a profissão dessa fé pela qual os mártires derramaram o seu sangue constitui para todos os cristãos um chamamento universal à santidade. O projecto de Deus para todos sem excepção, não só para os sacerdotes e para os religiosos, é que, guiados pelo Espírito Santo, atinjamos aquela perfeição da caridade e aquela identificação com Cristo, nas quais consiste a santidade, que é uma só e a mesma para todos os fiéis, sem distinção alguma, porque não há cristãos de segunda categoria.

Na Carta Apostólica *Novo Millennio ineunte*, João Paulo II propôs a santidade de todos os membros do Povo de Deus como meta prioritária da pastoral da Igreja durante o Terceiro Milénio[13].

[13] Cfr. JOÃO PAULO II, Carta Ap. Novo Millennio ineunte, 6-I-2001, n. 30; cfr. Exort. Ap. pós-sinodal Pastores gregis, 16-X-2003, nn. 12/4 e 27/2.

Para tender eficazmente à santidade, o Papa assinala, antes de mais, os pilares fundamentais sobre os quais deve apoiar-se a vida de todos os cristãos:

- *Para esta pedagogia da santidade, há necessidade de um cristianismo que se destaque principalmente pela arte da oração... É necessário aprender a rezar, voltando sempre de novo a conhecer esta arte dos próprios lábios do divino Mestre, como os primeiros discípulos: "Senhor, ensina-nos a rezar!" (Lc 11, 1)*[14]. Sobre a necessidade da oração para um cristão. S. Josemaría Escrivá afirma: *Se descuidamos a oração, primeiro vivemos das reservas espirituais..., e depois, de subterfúgios*[15].

- Dar particular relevo à Eucaristia, centro da vida de cada cristão e de cada comunidade eclesial, sobretudo à dominical e ao próprio domingo[16].

- A confissão sacramental, que é sacramento da reconciliação e *faz redescobrir Cristo como mysterium pietatis, no qual Deus nos mostra o seu coração compassivo e nos reconcilia plenamente consigo... Os dons do Senhor - e os Sacramentos contam-se entre os mais preciosos dentre eles - vêm d'Aquele que bem conhece o coração do homem e é o Senhor da história*[17].

Mas sobre estas bases e tendo em conta sempre o primado da graça[18], a procura da santidade não é uma tarefa a que devemos dedicar momentos isolados do nosso dia. Ela exige pelo contrário que toda a nossa vida seja orientada para Deus.

O Papa, além do mais, indica o caminho que cada um deve percorrer para atingir a santidade, isto é, o cumprimento fiel e por amor de Deus dos próprios deveres

---

[14] Exort. Ap. Novo Millennio ineunte, n. 32; cfr. nn 32-34.
[15] S. JOSEMARÍA ESCRIVÁ, Solco, n. 445.
[16] Cfr. Exort. Ap. Novo Millennio ineunte, nn. 35-35. Veja-se também Enc. Ecclesia de Eucharistia, 17-IV-2003.
[17] Exort. Ap. Novo Millennio ineunte, n. 37.
[18] Cfr. Ibid., n. 38.

familiares, profissionais e sociais, ou, por outras palavras, o viver em plenitude, dia após dia, e até às últimas consequências, os mil acontecimentos, aparentemente irrelevantes, da vida ordinária. A propósito escreve o Papa:

> *Os caminhos da santidade são variados e apropriados à vocação de cada um. Agradeço ao Senhor por me ter concedido, nestes anos, beatificar e canonizar muitos cristãos, entre os quais numerosos leigos que se santificaram nas condições ordinárias da vida. É hora de propor de novo a todos, com convicção, esta "alta medida" da vida cristã ordinária: toda a vida da comunidade eclesial e das famílias cristãs deve apontar nesta direcção*[19].

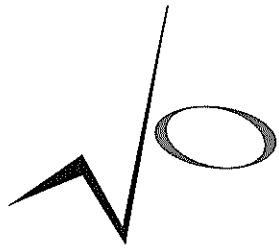
É verdade que a santidade requer o heroísmo na prática das virtudes, mas é igualmente inegável que a perseverança fiel nos deveres de cada dia pode ser mais heróica do que as façanhas, por vezes puramente imaginárias, nas quais alguns parecem fazer consistir a santidade, enquanto talvez fiquem comodamente à espera que chegue o momento de as cumprir. Uma pastoral orientada para o chamamento à santidade deve ter como meta principal ajudar todos os fiéis a descobrir a grandeza da vida ordinária, na qual justamente Deus quer que sejamos santos.

Penso que hoje, e talvez sempre, é particularmente importante redescobrir a família, o trabalho profissional e a responsabilidade pelo bem comum da sociedade como âmbito concreto no qual e – desejo sublinhá-lo – através do qual se realiza a vocação à santidade da grandíssima maioria dos cristãos. Quem à noite regressa a casa, cansado do trabalho, no qual não faltam satisfações mas também

[19] Ibid., n. 31/3.

não faltam contrariedades, pode sentir-se tentado a acender a televisão e a isolar-se do mundo que o rodeia, mas sabe que precisamente nesse momento começa a parte mais importante do seu dia, a de estar juntos em família, partilhar as alegrias e as dificuldades, interessar-se por aquilo que aconteceu aos outros e aos seus pequenos ou grandes problemas, fazer uma reparação na própria casa, ajudar os filhos nas tarefas escolares... Não tenho dúvidas em classificar como heróica a perseverança nesta alegre doação de si mesmo por amor de Deus e, inseparavelmente, por amor da própria família.

O heroísmo e a exemplaridade dos mártires devem iluminar a nossa vida ordinária. Se tal não acontecesse, a sua luz ficaria longínqua como as estrelas do céu. 



# DIACONIA E MARTYRIA OS SINAIS DA ESPERANÇA NA NOVA EVANGELIZAÇÃO

Diácono João Carmona

*Desperta e reanima o resto que está para morrer*[1]

Na Exortação Apostólica pós-sinodal, *A Igreja na Europa*, João Paulo II afirma a necessidade de perceber os desafios e reavivar os sinais de esperança para a Igreja na Europa. A *tradição humanista cristã do continente europeu*; a *memória dos mártires*, testemunhas da fé; a *santidade de muitos homens e mulheres do nosso tempo*; a comunhão eclesial manifestada pela cooperação das paróquias com os restantes movimentos eclesiais e o *caminho ecuménico* são sinais ao serviço do *Evangelho da esperança*, que nos fazem confessar a nossa fé e voltar-nos para Jesus Cristo ressuscitado, nossa esperança, *devolvendo à esperança a sua fundamental componente escatológica. Para os crentes, Jesus Cristo é a esperança da humanidade, porque dá a vida eterna [...] Ele há-de vir de novo como Redentor e Juiz e nos chama à ressurreição e ao prémio eterno*, diz o Papa[2].

[1] Ap 3, 2

[2] JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal A Igreja na Europa, 21 (Cf 7-17).

Jesus Cristo, sobre quem o Espírito desce e n'Ele repousa, viveu toda a sua vida como missão do Pai: foi o Pai que O enviou. Não veio por sua própria iniciativa, mas foi enviado pelo Pai (Jo 8, 42), para fazer a Sua vontade; e a vontade d'Aquele que o enviou é que Ele não perca nenhum daqueles que Ele lhe deu, mas que o ressuscite no último dia (Jo 6, 38s). Deste modo, o cristão é chamado a conformar-se visivelmente com Cristo e viver a sua própria vida como missão, assumindo como sua, a expressão do Ressuscitado: *Assim como o Pai me enviou também Eu vos envio a vós* (Jo 20,21). A existência concreta dos cristãos, com todos os seus dons específicos, é chamada a expressar-se plenamente na missão para a salvação do mundo.

O apóstolo, como o seu nome indica (*apostéllein*: enviar), é enviado à Igreja. A Igreja, por sua vez, deve dar *testemunho* ao mundo do que ela recebeu, não apenas com palavras, mas com toda a sua existência, do mesmo modo que Jesus era *a Testemunha fiel e verdadeira* (Ap 3, 14) em toda a sua existência, sobretudo pelo seu sacrifício na cruz (Ap 1, 5). O testemunho da Igreja no mundo é sempre testemunho até à morte e é profético porque, com a Vida e a Morte, proclama a verdade futura, a da vida eterna, ressuscitada: dar testemunho de Jesus, equivale ao espírito de profecia (Ap 19, 10; cf. 16, 6). Com efeito, *não é profeta o que sabe predizer coisas que hão-de acontecer, mas aquele que sabe dizer a palavra dada por Deus, acerca de Deus*[3].

Ao testemunho da Igreja, corresponde a missão que lhe foi confiada por Jesus Cristo ressuscitado, antes de subir ao Céu. A missão é, pois, assumida pelos apóstolos, no tempo e lugares próprios, tendo em conta os sinais da história. A missão tem, no dizer de Hans Urs von Balthasar, uma incarnação imediata na pessoa daquele que dá

[3] HANS URS VON BALTHASAR, L'Apocalypse, Éditions du Serviteur, Chiry-Ourscamp, 2000, 65.

testemunho. Situando-a no contexto do Apocalipse, escreve:

> *A missão deve tornar-se realidade, incarnar para ser eficaz. Jesus é visto como sendo o Vivente que atravessou a morte e o Abismo (Ap 1, 18), que foi "imolado" (5, 6). João recebe a ordem de escrever o que viu num livro e de o "enviar às sete Igrejas" (1, 11), mas é preciso que ele incorpore em si mesmo, literalmente, o livro, que o "coma", que lhe encha a boca de mel ou lhe encha as entranhas de amargura (10, 89-10). Somente deste modo poderá continuar a profetizar* [4].

Damo-nos conta, nos nossos dias, da exigência cada vez mais premente da evangelização — *a nova evangelização* —, tomando consciência do papel decisivo que nela devem ter os cristãos e as comunidades dos crentes. Esta exigência, tão importante nos nossos dias, mais do que um esforço organizativo ou estratégico, implica e pressupõe uma grande docilidade à acção do Espírito Santo, sem o qual corremos o risco de *trabalhar em vão.*

*A evangelização nunca será possível sem a acção do Espírito Santo*[5], afirmou Paulo VI. Por seu turno, João Paulo II acrescenta:

> *O Espírito é também, na nossa época, o agente principal da nova evangelização. Será, por isso, importante redescobrir o Espírito como Aquele que constrói o Reino de Deus no curso da história e prepara a sua plena manifestação em Jesus Cristo, animando os homens no mais íntimo deles mesmos e fazendo germinar dentro*

[4] Ibidem, 17.
[5] PAULO VI, Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi, nr. 75.

*da existência humana os germes da salvação definitiva que acontecerá no fim dos tempos*[6].

Fontes da Igreja primitiva falam da diaconia frequentemente e com muita seriedade pois, nos tempos primitivos, a diaconia fazia parte do essencial do ser e do testemunho da Igreja, tal como a pregação do Evangelho. Melhor dizendo, a diaconia era um dos caminhos para proclamar a verdade de Jesus Cristo morto e ressuscitado. Quando os cristãos actuavam como comunidade ajudando e socorrendo onde houvesse necessidade, isso representava um sermão sem palavras (1Pd 3, 1s); a ajuda ao próximo era sentida como eloquente testemunho da fé: *vede como eles se amam.* Os contemporâneos não-cristãos registavam essas actividades primeiramente como fora do comum, depois como convincentes e dignas de imitação: *Sempre em maior número, ajuntavam-se, em massa, homens e mulheres, acreditando no Senhor* (At 5, 14; cf. 6, 7).

A diaconia era, para os cristãos, uma realidade na qual a salvação que pregavam começava já nesta terra, antes da morte, quando a pobreza, a necessidade, a tristeza e a morte eram superadas pelo amor. A Igreja antiga sempre providenciou, activamente, para que houvesse diaconia. A comunhão dos crentes unida na celebração da liturgia — a *koinonía* —, alimentava a acção do serviço aos irmãos — a *diakonia* — e dava credibilidade ao testemunho e anúncio do Evangelho — a *martyria.*

## 1. O exemplo de Maria, a serva do Senhor

O Evangelho de Lucas inicia-se sob o signo da importância dos sinais e do serviço, da diaconia e da *martyria.* Desde o primeiro capítulo, apresenta, através de diversos *sinais,* o anúncio da boa nova que se revela nos

[6] JOÃO PAULO II, Carta Apostólica Tertio Millenio Adveniente, nr. 45.

diferentes intervenientes em atitude de serviço, de diaconia. Logo no segundo versículo do primeiro capítulo, são referidos os *Servidores da Palavra* para designar *as testemunhas oculares* do evangelho de Jesus Cristo, permitindo que, desse modo, Teófilo pudesse *reconhecer a solidez da doutrina* com que Lucas se propunha instruí-lo.

Maria, escolhida por Deus para ser a mãe do seu Filho, ocupa um lugar de destaque na narração de Lucas; este orienta a leitura dos sinais e acções dos outros personagens para a missão que Jesus vinha desempenhar, permitindo a interpretação desses sinais à luz dessa missão.

Na descoberta da natureza e importância dos sinais, Maria surge como precursora, ainda antes de João Baptista, antecipadora da existência diaconal de seu Filho, o *servo de Yahweh.* Vejamos alguns desses sinais da boa-nova, no evangelho da infância de Jesus, segundo S. Lucas:

**Zacarias**, estando no exercício das suas funções sacerdotais diante de Deus, recebe a visita do anjo que lhe anuncia que, em breve, iria ser pai de João Baptista, o precursor do Messias. João será um sinal, o prenúncio da vinda d'Aquele *a quem ele não era digno de desatar as sandálias.* As *súplicas de Zacarias* serão atendidas igualmente como sinal da realização do projecto da vinda do Messias. A sua mudez constituirá igualmente um sinal da realização da promessa que o Anjo lhe anunciara. Zacarias só regressará a casa para cooperar na realização da promessa do Anjo, depois de *terminados os dias do seu serviço.*

**Isabel** constituirá igualmente um sinal. Ela sentir-se-á beneficiada pelo Senhor, que eliminara a sua ignomínia de mulher estéril já na sua velhice. O seu sexto mês será o momento em que o sinal do Anjo será anunciado a Maria. A superação e *eliminação da ignomínia de Isabel,* que acabara de conceber, será anunciada a Maria como mais um sinal de que o que se acabara de operar nela era obra

do *Altíssimo*. Deus é o Senhor da história, *porque a Deus nada é impossível*. Isabel está, desde já, ao serviço da manifestação do *precursor* do Messias.

**João Baptista** precede o Messias, prepara a sua manifestação, está ao serviço da revelação do Filho de Deus, aponta para Ele: *Eu baptizo-vos em água, mas vai chegar alguém mais forte do que eu, a quem não sou digno de desatar a correia das sandálias. Ele há-de baptizar-vos no Espírito Santo e no fogo* (Lc 3, 16). Jesus dirá dele que é *mais do que um profeta* (Lc 7, 26).

**Simeão**, impelido pelo Espírito, no momento da circuncisão e apresentação de Jesus no Templo, *tomou-O n'Ele nos braços*, reconhecendo n'Ele o Messias do Senhor, declara-O *sinal de contradição* (Cf. Lc 2, 25-39).

**Maria** não compreendera, inteiramente, o que estava a acontecer com o nascimento do seu Filho: a profecia de Simeão é-lhe estranha, do mesmo modo que não compreendeu a atitude de Jesus aos doze anos, permanecendo em Jerusalém entre os doutores, enquanto seus pais desciam para Nazaré. A reacção de Maria às interrogações que a presença de Jesus suscitava, e ao assombro que o seu comportamento despertava, é referida por Lucas nestes termos: *Sua mãe guardava todas estas coisas no seu coração* (Cf. Lc 2, 51). Adrienne von Speyr comenta esta atitude de Maria, nos seguintes termos:

> *Para conhecer Deus, a Mãe volta-se inteiramente para o Filho. Mas, estes mistérios divinos e humanos, estes mistérios públicos e íntimos que o Filho revela ao mundo, Ele colocou-os primeiramente no coração de sua Mãe. A Mãe sabe como acolher os mistérios de Deus. Somente na distância de um profundo respeito, da adoração, da reverência amorosa e dando-lhe guarida e abrigo, será possível ver as coisas de Deus. [...] A Mãe, pelo seu silêncio e meditação e*

> *contemplação, criou a atmosfera indispensável que nos permite receber frutuosamente os mistérios do Senhor. Quando transmite à Igreja os mistérios, que ela meditou e que trouxe no seio da sua alma, tal só acontece porque ela deu, ao mesmo tempo, alguma coisa da sua própria meditação. É por isso que os cristãos somente encontram o verdadeiro acesso ao mundo interior do Filho neste silêncio apagado do coração de Maria*[7].

Maria, a Mãe do Senhor, desde o primeiro momento, está atenta aos sinais da presença de Deus. Antes mesmo que pudesse compreender o alcance da grandiosa missão que o Anjo do Senhor lhe anuncia, na condição de protagonista, em lugar de se vangloriar da honra e da graça que Deus lhe concede, prefere declarar-se *serva, escrava do Senhor*. E, ainda sob o impacto daquilo que o Espírito acabara de realizar nela, não permanece numa atitude de auto-complacência, voltada para si mesma, para o que o *Altíssimo* operou no seu seio virginal. Em lugar disso, esquecida de si mesma, decide partir em socorro da sua prima Isabel, mulher já na sua velhice, em dificuldades para levar avante a gravidez que o Anjo Gabriel anunciara a Zacarias, seu marido, como resposta do Senhor às suas súplicas.

A Mãe de Deus — a *Theotokos* — viveu como escrava, como serva. Os momentos de glória, de milagres, foram raros, fugazes. Teve a existência de *escrava do Senhor*, no silêncio e apagamento da sua casa de Nazaré; a proximidade com Jesus e a assistência do Espírito Santo colocaram-na na história humana como peregrina da fé, lugar da

[7] ADRIENNE VON SPEYR, La Servante du Seigneur, Éditions Lethielleux, Paris, 1987, 93-94.

manifestação da Trindade. Maria viveu oculta; a sua notoriedade foi interior, posterior e eclesial. Com a sua atitude, antecipou a realização do que o seu Filho anunciaria: *Quem quiser ser grande entre vós, faça-se vosso servo e quem quiser ser o primeiro entre vós, faça-se servo de todos* (Mc 10,43-44). Mais radical ainda, Jesus confessará de si mesmo: *Eu estou no meio de vós como aquele que serve* (Lc 22, 27).

Numa leitura atenta dos textos de Lucas podemos ainda constatar:

1. Ao sexto mês da gravidez de sua prima Isabel, Maria é proclamada pelo Anjo *cheia de graça* (cf. LC 1, 26s), ao ser gerado nela o Filho de Deus: o *Espírito Santo virá sobre ela e a força do Altíssimo estenderá sobre ela a sua sombra.* Ao anúncio do Anjo, à acção do Espírito Santo nela, sentindo-se *agraciada por Deus*, cheia da força do Altíssimo, Maria não vê nisso privilégio algum que a leve a sentir-se superior a outra mulher. Sente que acontecera em si algo de novo e transcendente, que não é resultado do seu mérito ou das suas próprias forças, mas antes por ter sido escolhida, graciosamente, pelo Deus *Altíssimo*: *achaste graça diante de Deus* (1, 30). Por isso, a sua atitude é de humildade, sentindo-se pequena perante a maravilha de uma virgem que se encontra grávida pelo poder de Deus. E a sua exclamação é sintomática: *Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.* Mas, não lhe bastou sentir-se maravilhada pela acção de Deus nela. Cheia do Espírito Santo, vai ao encontro da sua prima, avançada em idade e até aí estéril, desprezada, *eliminada perante os homens* (cf. Lc 1, 25), para lhe prestar ajuda, cuidar dela, ser solidária com ela na sua alegria. Não foi uma mera visita de cortesia, mas de serviço: *Maria ficou com Isabel cerca de três meses* (Lc 1, 56).

2. Na primeira manifestação pública de Jesus, em Caná, Maria torna patente, de novo, a sua condição de

servidora, atenta aos sinais, disponível para cooperar na superação dos problemas vividos por aqueles noivos e seus convidados: *Não têm vinho!* (Jo 2, 3). Ela não tem possibilidades nem poderes para remediar a situação, mas confia no seu Filho e anuncia aos *serventes*, aos *servos*, a esperança da boa notícia para aquela festa: *Fazei o que Ele vos disser!* (Jo 2, 5). E *assim, em Caná da Galileia, Jesus realizou o primeiro dos seus sinais miraculosos com o qual manifestou a sua glória, e os discípulos creram n'Ele* (Jo 2, 11). O evangelista identifica, com precisão, a natureza e o alcance dos sinais realizados por Jesus; a sua força decorre da sua natureza: são *sinais* que levam a *crer n'Ele*. É a antecipação das bem-aventuranças, sinal de que *o Reino já está no meio de vós*.

3. Outro sinal importante acontece no *Pentecostes* e no *nascimento da Igreja*. Maria estava certa do cumprimento da promessa do seu Filho: *Ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo* (At 1, 8). Situando Maria nos momentos marcantes da manifestação e acção do Espírito Santo, Lucas mostra que existe uma semelhança clara entre o anúncio e nascimento de Jesus (Lc 1, 26-28) e o surgimento da Igreja (At 1 13-14; 2, 1s). No primeiro caso, o Espírito actua unicamente sobre Maria, num caminho de transformação pessoal, individual, convertendo-a em Mãe do Messias. No segundo, actua sobre Maria e restantes fiéis e discípulos, num percurso de transformação pessoal e comunitária que os faz ser Igreja, quer dizer, comunidade escatológica de Cristo no curso da história, em comunhão com o seu Senhor — a *koinonía*. Maria une, na sua pessoa, ambos os momentos, realizando um caminho de fidelidade materna e de entrega cristã ao serviço de toda a Igreja. Ninguém a pode substituir no seu caminho; todos devemos

aceitá-la na memória da comunidade crente, como transmissora da bem-aventurança de Deus sobre a terra (cf. Lc 1, 42). Daí, podermos afirmar que a fé de todos os cristãos apresenta uma clara dimensão mariana: a presença do Espírito na Anunciação, (Lc 1, 35) conserva-se viva e realiza-se plenamente no conjunto da Igreja através da experiência sempre actual do Pentecostes (At 2).

## 2. A Igreja e a Evangelização

A exigência do testemunho evangelizador é conatural ao ser da Igreja, de tal modo que, tudo quanto a Igreja é e faz nasce dessa exigência: anunciar que Jesus Cristo está vivo, no meio dela [8].

Qual é a atitude fundamental com que a Igreja se irá debater na missão da Nova Evangelização? Irá viver e trabalhar essa evangelização? Qual é a finalidade, não a teoricamente última, mas a finalidade mediadora, pretendida ou implicada nesse empenhamento? E depois, como irá situar-se a Igreja nesta hora nova da sociedade europeia?

Antes das tarefas e serviços que há-de desenvolver, a Igreja deve preocupar-se por compreender-se a si mesma, situar-se e realizar a evangelização *a partir da categoria de serviço* para que não sucumba perante possíveis novas

[8] O Espírito historiciza a palavra de Deus nas suas diversas fases: inspira a Escritura, fala pelos profetas, realiza a humanização do Verbo que nos é dado na sua plenitude em Cristo, enche a Igreja Corpo de Cristo. Também actualmente a palavra de Deus é proclamada aos homens pela Igreja através de toda a sua obra, especialmente pela evangelização, em obediência ao mandato do Senhor: "Ide, pois, e ensinai todas as nações" (Mt 28, 19). Só assim, a Igreja, "Una, Santa, Católica e Apostólica" se difunde no meio dos povos, tendo sempre como protagonista o Espírito do Senhor, de modo que os cristãos de todos os tempos podem aplicar a si as palavras da primeira carta de Pedro: "Pregaram-vos o Evangelho no Espírito Santo enviado do céu" (1Pd 1, 12). Cf. COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, Do teu Espírito, Senhor, está cheia a terra, Paulinas, Lisboa, 1997, 71.

tentações de o fazer na perspectiva de *poder*. Esta nova hora é uma oportunidade e um chamamento para que a Igreja se situe na originalidade que lhe é mais própria como Igreja de *Jesus, o Servidor da humanidade*, permitindo-lhe proferir uma palavra profética no mundo actual. O mais fundamental de tudo o que a Igreja tem de fazer hoje, e o melhor que pode fazer para evangelizar acertadamente neste caminho que a Europa está a percorrer, é ser servidora e realizar a sua missão nessa preocupação de serviço. Tal como em At 3, 6, *não tem ouro nem prata*, o que tem é o *Nome de Jesus Cristo Nazareno* para que esta humanidade se erga e caminhe. Este é o sentido, o alcance e a finalidade desta atitude: assinalar que a presença da Igreja no mundo e tudo quanto ela fizer há-de estar configurado pela categoria de serviço.

A Igreja está chamada a ser espaço vital do Espírito, sacramento da fraternidade do Pai, activa e corresponsável. Uma Igreja samaritana deve manifestar-se em atitudes, tarefas e serviços concretos.

As relações de *fraternidade*, matriz de um novo relacionamento entre os homens que se reconhecem como irmãos, são uma novidade salvadora, uma *boa-notícia* anunciada por Jesus, assente na relação entre Deus e os homens. Tal como escreve J. E. Borges de Pinho:

> *Na vivência da fraternidade está um critério decisivo de manifestação e de discernimento da verdadeira salvação: "Nós sabemos que passámos da morte para a vida, porque amamos os irmãos" (1Jo 3, 14). É o amor concretamente vivido nas situações reais da existência que nos faz verdadeiramente filhos de Deus (Mt 5, 45,.48; Lc 6, 35s). A mensagem evangélica que anuncia e testemunha o amor misericordioso e salvador de Deus Pai tem como seu cerne este anúncio de que*

> *os homens são [...] verdadeiramente irmãos, constituindo a família de Deus*[9].

A diaconia exprime e explicita um dos traços essenciais não apenas da identidade cristã, mas da missão da Igreja. O ser cristão e o exercício da missão da Igreja encontram na diaconia um elemento estruturante, uma dimensão fundamental da vida eclesial, radicada na *pró-existência* de Jesus: a sua vida e a sua morte foram totalmente para o Pai e para os outros. A diaconia cristã significa, deste modo, que o amor de Deus e o amor ao próximo são inseparáveis: ao mesmo tempo, o cristão é chamado a ser sacramento vivo do amor de Deus, que se manifestou na atitude servidora, *diaconal* de Jesus. A atitude servidora da Igreja testemunha o amor de Deus solidário com os homens. Anunciar Jesus Cristo é manifestar a sua diaconia, e esta não se pode dissociar do anúncio do evangelho e da celebração da fé, como afirma, ainda, J. E. Borges de Pinho:

> *A diaconia é autêntico anúncio do evangelho, e o anúncio do evangelho pela palavra e pela vida é diaconia; ele não está completo nos seus conteúdos, nem é credível como Boa Nova, sem a concreta diaconia dos cristãos e da Igreja. A diaconia é expressão celebrativa quotidiana da fé e aponta de si mesma para a celebração da fé como sua fonte e cume (cf. LG 10). Do mesmo modo, a celebração da fé é inseparável da diaconia: só assim ela espelha a unidade de amor de Deus e do próximo e se exprime na sua profunda veracidade*[10].

---

[9] J. E. BORGES DE PINHO, Comunhão eclesial e diaconia in: Communio, Revista Internacional Católica, XVIII/2 (2001), 117.
[10] Ibidem, 122.

A diaconia cristã é chamada a afirmar-se na organização da vida da comunidade, como função permanente da comunidade, visível na sua dimensão pública, presente na vida social e política, configurando o modelo e transformando as estruturas da sociedade. Esta consciência desafia a criatividade e interpela a consciência individual e eclesial, despertando para *uma nova fantasia da caridade*, na feliz expressão de João Paulo II.

*Enviada a anunciar e a edificar a fraternidade, na comunhão de caridade, a Igreja é, igualmente, enviada para servir.* A afirmação é de D. José Policarpo na Homilia na Solenidade de S. Vicente, a 22 de Janeiro de 2001. Tendo em consideração a memória da vida deste diácono e mártir, o Cardeal Patriarca de Lisboa enuncia dois sinais importantes na evangelização: a *gratuidade* do serviço e a manifestação da *Igreja como servidora da humanidade.*

A *gratuidade* exclui o interesse próprio e a auto-afirmação, sendo antes a contemplação da dignidade do outro que deve ser servido com solicitude amorosa, quer ele seja pobre, doente, idoso, *sem abrigo*, ou criança: *Servir é dar-se*, diria D. José Policarpo, acrescentando que *as instituições sociais da Igreja espelham a necessária organização da caridade.* Dentre elas, é possível evocar o papel das Misericórdias, ao longo dos séculos, a importância das Instituições particulares de solidariedade social, dos Conventos, das Obras de assistência social e hospitalar, das escolas e universidades, para referir apenas alguns desses sinais evangelizadores. No dizer de João Paulo II:

> *Trata-se de dar continuidade a uma tradição de caridade, que já teve inúmeras manifestações nos dois milénios passados, mas que hoje requer, talvez, ainda maior capacidade inventiva. É hora duma nova "fantasia da*

*caridade", que se manifeste não só nem sobretudo na eficácia dos socorros prestados, mas na capacidade de pensar e ser solidário com quem sofre, de tal modo que o gesto de ajuda seja sentido, não como esmola humilhante, mas como partilha fraterna*[11].

A gratuidade é determinante e reveladora para a Igreja, neste momento da Europa, decisiva para afirmação da sua identidade no Espírito do Ressuscitado e para a realização da nova evangelização. Para desenvolver a sua missão, a Igreja há-de exercer o seu serviço em gratuidade, pois o serviço de Jesus é oferta do Pai que é, no seu próprio ser, dom gratuito.

A gratuidade deve configurar o ser e o agir da Igreja, hoje, determinar a evangelização como oferta de amor à liberdade do homem. Deve conformar os próprios serviços humanitários que a Igreja realiza, ajudar a rever os seus métodos e conformar as diferentes linguagens; ser, enfim, um valor transversal de tudo o que ela é, de tudo quanto ela faz.

*A gratuidade é toda uma mística do agir que nos marca com os estigmas da atitude servidora, da total disponibilidade, do abaixamento, do valor do que é pequeno, da não apropriação de nada, da liberdade de espírito, da entrega sem medida*[12].

Todas as objectivações e expressões, toda a linguagem da Igreja no mundo, devem estar enformadas pela gratuidade.

*As suas palavras* no caminho da sociedade humana hão-de ser, como as palavras de Jesus no caminho de Emaús (Lc 24, 13), palavras de companheiro que acolhe e

[11] JOÃO PAULO II, Carta Apostólica Novo Millenic ineunte, nr. 50.
[12] D. MARTINEZ, La espiritualidad en la acción pastoral in: Espiritualidade cristiana en tiempo de crisis, Verbo Divino, Estella 1995, 63.

dialoga, que ouve perguntas e que pergunta, que escuta, responde e propõe.

*Os serviços* que presta, deverá realizá-los como manifestações do amor sem medida: até ao extremo com que o Deus da gratuidade se manifestou na vida e morte de Jesus.

*Os seus métodos* terão sempre como protótipo exemplar o mistério da Páscoa: a entrega de si mesma em total gratuidade, sem estratégias de poder.

*As suas pretensões* não serão outras que tudo fazer *para que tenham vida em abundância* (Jo 10, 10).

É necessário que a reflexão teológico-pastoral faça o discernimento do que a Igreja na Europa tem que fazer neste momento, que descubra correctamente como tem que evangelizar e quais os contributos que deve trazer à sociedade de hoje. O mais decisivo é que se proponha servir sempre *com gratuidade.*

*A descoberta da Igreja como servidora da humanidade, enquanto defensora da justiça e da dignidade da pessoa humana, apontando e defendendo corajosamente as vias da vida,* é outro dos sinais fortes da missão evangelizadora da Igreja, sempre e de modo muito particular nos nossos dias, como afirmou o Cardeal Patriarca de Lisboa na Homilia a que nos vimos referindo, acrescentando ainda: *Nenhum dos problemas da humanidade é indiferente à missão da Igreja: a luta por caminhos de desenvolvimento consentâneos com a dignidade da pessoa humana, a promoção da justiça, a defesa da paz.*

É o sublinhar da importância da diaconia da Igreja, sacramento de Cristo, *lavando os pés* dos homens e *servindo à mesa* dos mais necessitados, material, social e espiritualmente, encontrando aí o seu verdadeiro lugar: uma Igreja samaritana. Porém, não é fácil aceitar permanecer nesta atitude. Nos primeiros tempos da história

da Igreja, a comunidade cristã viveu na imediatez identificadora do Jesus histórico, do crucificado, na experiência escatológica do Ressuscitado e na pequenez sociológica que tantas vezes conheceu o martírio. Esse foi o seu *sinal* especial, o modo de viver na sociedade[13]. Ao longo de séculos, porém, foram aparecendo diferentes articulações de Igreja-sociedade. O Vaticano II encaminhou-nos para o modelo da *Igreja no mundo e ao serviço do mundo para o Reino*, que encarna a Igreja no mundo e a situa ao serviço da humanidade para o projecto do Reino. Para entrar por este caminho é fundamental que a Igreja se pense a si mesma e entenda a sua relação com o mundo não na atitude de *poder*, mas de *serviço*. S. Paulo faz da diaconia o conceito central do ministério apostólico; a própria vida do apóstolo há-de ser diaconia (1 Ts 2, 1-16), identificando-se com Cristo, o *diácono da humanidade*.

A Igreja não se pode afastar do mundo, pois ele é mundo, nem se fechar em si mesma. Também não basta estar no mundo; tem que estar *sendo para os outros*. Se vive a partir do Espírito de Jesus, *o diácono do mundo*, a Igreja procurará tornar-se presente no mundo como ser diaconal. Citando D. Bonhoeffer: *A Igreja só é Igreja quando existe para os outros*. Mais ainda, *já não é Igreja se não existir para os outros*[14].

A Igreja nasce do encontro com o Senhor e, por ele, entra no abraço trinitário da filiação e da fraternidade na unidade do Amor. Por isso, ela é encontro, é mistério de comunhão de mulheres e homens, pequenos e grandes; ela é povo de iguais e família de filhos e irmãos e está ao serviço da comunhão da humanidade. Não pode permanecer

---

[13] Depois, a extensão social do cristianismo e a conversão do imperador Constantino, provocaram mudanças profundas na vida da Igreja e, em concreto, na relação Igreja-sociedade, se bem que o cristianismo continuasse a apresentar os seus traços originais.

[14] O. FUCHS, Iglesia para los demás in: Concilium 218, (1988), 64.

historicamente no desencontro com o mundo, nem pode ser factor de desencontro entre os homens. O seu *ser-para-os-outros* leva-a a deslocar o olhar para a vida dos homens e a fazer o caminho do encontro de Emaús (Lc 24, 13). A Igreja, sinal e presença do Espírito, sacramento do amor universal e incondicional, diaconal e gratuito, deve despertar, gerar e alentar o grande ***ágape*** que rompa todas as separações de sexo, raça e qualquer condição diferente.

Nesta Europa, cada vez mais diversamente pluralista, - onde também o sentido religioso sofre desigualdades, marginalizações e exclusões, que levanta novas fronteiras, que alimenta uma cultura do individualismo possessivo e defensivo -, a Igreja está chamada a avivar a existência relacional das pessoas para uma humanidade mais fraterna. O símbolo da Igreja que se põe aos pés da humanidade afirma não só o seu ser como servidora do mundo, mas também que ela se situa próxima dos últimos da sociedade. Entre todos eles, os seus preferidos hão-de ser os que já não contam para a história, os últimos entre os excluídos. Há-de tê-los como sua carne, porque o são do seu Senhor, e há-de entregar-se ao seu serviço, à solidariedade com as suas vidas, à defesa das suas causas, ao compromisso com as suas marginalizações e à cura das suas feridas. É esse o seu testemunho. Se a Igreja não servir deste modo *não serve* para o Reino.

### 3. Sinais de esperança e memória cristã

Existem muitos outros desafios e *sinais de esperança*, e até mesmo de *nostalgia irreprimível de esperança*, como diz João Paulo II, os quais, dentro e fora da Igreja remetem para a consideração do influxo do Evangelho de Cristo na vida da sociedade, hoje, como no decurso da história. Não cabe aqui enunciá-los, nem sequer analisá-los, muito embora o Papa a eles se refira ***longum*** *et latum* na Exortação Apostólica citada e para a qual

remetemos. (Cf. *EE*, nomeadamente, nrs 7-17).

Porém, não deixaremos de aludir a alguns sinais incluídos nos vastíssimos indícios da presença de Jesus Cristo na vida dos homens, manifestados de diversos modos, e que aparecem, na expressão feliz de D. Manuel Clemente, como *o resto, o rasto e rosto de Cristo*. Eles formam parte da *memória cristã* de que fala o Papa, a *herança religiosa e a alma cristã da Europa*, cujo reconhecimento renitentemente se encontra omisso no projecto da futura Constituição Europeia. A esta problemática dedicou particular atenção o Cardeal Patriarca de Lisboa na sua Mensagem de Natal de 2003.

Enumero apenas alguns sinais da presença evangelizadora cristã: desde logo, a importância unificadora do cristianismo no processo de identidade cultural da Europa, ao longo dos séculos; os valores fundamentais da humanidade: liberdade, defesa dos direitos humanos, a justiça, a igualdade e a paz; a arte e a arquitectura de que são testemunhas vivas e actuais os monumentos, edifícios e igrejas com o seu diverso espólio artístico; a música e a literatura de matriz cristã que ainda apelam à presença de Deus na Beleza e Verdade do seu ser; a liturgia e a celebração dos sacramentos na Igreja; as escolas e universidades; a presença dos monges nos diversos mosteiros, que nas cidades ou nos campos cuidavam do corpo e da alma, da agricultura e das artes e ofícios; a assistência aos pobres, aos doentes, aos *órfãos e viúvas*; dos conventos de vida contemplativa e mística.

E como não referir os *inumeráveis filhos da Igreja que, ao longo da história do continente europeu, viveram uma santidade generosa e autêntica no mais recôndito da vida familiar profissional e social? Todos eles, "como pedras vivas" aderentes a Cristo "pedra angular", construíram a Europa como edifício espiritual e moral, deixando aos vindouros a herança mais preciosa*, como bem lembra João

*vindouros a herança mais preciosa.* como bem lembra João Paulo II [15].

## 4. O martírio como sinal máximo

O *Apocalipse* de S. João fala de *uma multidão enorme que ninguém podia contar [...]. Estavam de pé com túnicas brancas diante do trono e do Cordeiro e com palmas na mão. [...] Estes são os que vêm da grande tribulação; lavaram as suas túnicas e as branquearam no sangue do Cordeiro (7, 9-17).* E, mais adiante *(14, 1-5): Apareceu o Cordeiro e. com Ele, estavam cento e quarenta e quatro mil pessoas que tinham o seu nome e o nome de seu Pai escrito nas frontes. [...] Estes são os que seguem o Cordeiro por toda a parte.*

S. Paulo diz, acerca dos cristãos, que eles foram — agora, ainda vivendo na terra — mortos e ressuscitados, e que a sua vida está escondida com Cristo em Deus e será manifestada ao mesmo tempo que se der a manifestação de Cristo (Cl 3, 1-3). A Carta aos Hebreus, por sua vez, refere que nos aproximámos *do monte Sião e da cidade do Deus vivo, da Jerusalém celeste, de miríades de anjos, da reunião festiva* (Hb 12, 22). Não é necessário, pois, estar morto corporalmente para viver na nossa pátria, na nossa cidade, no céu, onde temos direito de cidadania (Fl 3, 20).

Dos que estavam com o Cordeiro é dito que são todos virgens e seguem-no para onde quer que Ele vá (Ap 14, 4). Trata-se da virgindade dos que permaneceram rigorosamente fiéis e não abandonaram o seu Deus pela prostituição com outros deuses, que *observam os mandamentos de Deus e guardam o testemunho de Jesus* (Ap 12, 17).

*Testemunho, mártir, são palavras que têm uma importância fundamental no Apocalipse,* Na verdade, o seu significado atravessa todo o Livro:

---

[15] JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal A Igreja na Europa, nr. 14.

> *Ele designa não apenas os que derramaram o seu sangue por Cristo, mas todos os que colocaram toda a sua existência ao serviço do Cordeiro. Há martírios maiores e mais profundos que o "martírio de sangue", em sentido estrito. Este martírio mais vasto, "as almas debaixo do altar" (6, 9), que "têm fome e sede de justiça" (Mt 5, 6) também elas o sofreram*[16].

Porém, o testemunho maior é o daqueles que *vêm da grande tribulação e que lavaram as suas túnicas no sangue do Cordeiro*, através do seu próprio sangue (Ap 7, 14); ou, ainda segundo H. U. von Balthasar, *testemunhas e mártires* são também:

> *As duas testemunhas que deram testemunho toda a sua vida até que "a Besta surgida do Abismo tenha vindo lutar contra eles, os tenha vencido e os tenha morto" (11, 7), após o que eles terão ainda de dar o seu testemunho supremo, o da ressurreição e da ascensão ao céu (11, 11-12). E quando a prostituta da Babilónia se "embriagar com o sangue dos santos e com o sangue dos mártires de Jesus" (17, 6), é ainda de todos os verdadeiros fiéis que se trata*[17].

João Paulo II põe em evidência a importância do testemunho dos mártires, como sinal maior do testemunho da fé:

> *Os mártires cristãos de todos os tempos — também do nosso — deram e continuam a dar a vida para testemunhar aos homens esta fé,*

---

[16] HANS URS VON BALTHASAR, L'Apocalypse, Éditions du Serviteur, Chiry-Ourscamp, 2000, 65.
[17] Ibidem.

*convencidos de que cada homem necessita de Jesus Cristo, o Qual, destruindo o pecado e a morte, reconciliou os homens com Deus*[18].

S. Vicente, na radicalidade da sua fé, disponibilizou-se para o serviço da Igreja. Esta confirmou essa sua disponibilidade, e consagrou-o no ministério dos diáconos. Pela sua acção realizou a entrega total à missão Igreja: o testemunho da sua fé e o serviço aos homens, disposto a morrer na fidelidade ao seu Senhor, com a força do seu Espírito, seguindo o incentivo de S. Paulo, em Cl 1, 28-19:

*É a Ele que anunciamos, admoestando e ensinando todos e cada homem com toda a sabedoria, para apresentar a Deus todos os homens na sua perfeição em Cristo. É para isso mesmo que eu trabalho, lutando com toda a força que Ele me dá e que actua poderosamente em mim.*

D. José Policarpo chama a atenção da importância deste testemunho radical, de modo particular nos nossos dias em que testemunhar a fé nas nossas cidades é cada vez mais difícil, quando afirma:

*Diácono, S. Vicente legou-nos o testemunho do martírio. Os mártires testemunham a coerência cristã em situações adversas de rejeição violenta, por parte dos poderes dominantes, da mensagem evangélica. Jesus avisou-nos disso: a revolução evangélica sempre encontrou, continua a encontrar, rejeições, por vezes violentas, por parte da sociedade. [...]*

---

[18] JOÃO PAULO II, Carta encíclica Redemptoris Missio, nr. 11.

> *Continua a não ser fácil a proposta dos valores evangélicos, sobre a justiça e sobre a paz, sobre a dignidade do amor e a defesa da vida, sobre os direitos fundamentais que são a expressão da dignidade humana. Continua a ser-nos pedido o testemunho da fidelidade até ao fim*[19].

A herança de S. Vicente integra-se na evocação feita por João Paulo II, a propósito da evocação dos mártires na celebração do Jubileu: *Mensagem eloquente que não precisa de palavras, [...] é uma herança que não se deve perder, antes fazer frutificar num perene dever de gratidão e num renovado propósito de imitação*[20].

O Papa designa o martírio como *a encarnação suprema do Evangelho da Esperança.* No pensamento de João Paulo II,

> *O grande sinal de esperança constituído por tantas testemunhas da fé que viveram, no último século, tanto no Oriente como no Ocidente. [...] Estas testemunhas, particularmente as que enfrentaram a prova do martírio são um sinal que somos chamados a contemplar e imitar. Atestam-nos a vitalidade da Igreja; apresentam-se como luz para a Igreja e a humanidade, porque, nas trevas, fizeram brilhar a luz de Cristo.* [21].

De facto, continua o Papa, *os mártires anunciam o Evangelho da esperança na medida em o testemunham com a sua vida até à efusão do sangue; celebram o Evangelho da Esperança* porque a oferta da sua vida é a manifestação

---

[19] D. JOSÉ POLICARPO, Homilia da Solenidade de S. Vicente, a 22 de Janeiro de 2001.
[20] JOÃO PAULO II, Carta Apostólica Novo Millenio Ineunte, nr. 7.
[21] JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica pós-sinodal A Igreja na Europa, nr.

maior e mais radical do sacrifício vivo e santo; *servem o Evangelho da esperança porque com o seu martírio, exprimem em sumo grau o amor e o serviço ao homem*[22].

## 5. Convocados para a Missão

*Igreja de Lisboa, convoco-te para a missão.* Com este apelo, D. José Policarpo, concluía a Homilia na Solenidade do Natal do Senhor na Sé Patriarcal, em 25 de Dezembro de 2003. Nesta convocação o Patriarca de Lisboa dá conta da urgência da Nova Evangelização e dos objectivos do Congresso Internacional para a Nova Evangelização e da Missão na cidade: *É preciso evangelizar, [...] diminuir o número daqueles que não sabem quem é Jesus Cristo e o que Ele significa para nós. Alguns poderão rejeitá-l'O ou não terem a coragem para O seguir, mas fá-lo-ão livremente e assumirão a responsabilidade da sua opção.*

Apelando ao empenhamento de sacerdotes, religiosos, movimentos laicais, famílias cristãs, jovens universitários, idosos e crianças, o Cardeal Patriarca, lança a *todos* o desafio:

> *Convoco-vos para a missão, preparai-vos para ela, anunciai Jesus Cristo, mostrai-vos felizes por serdes cristãos, reagi aos problemas da nossa cidade com critérios evangélicos, revelai o rosto amoroso da Igreja. Ajudemos os nossos concidadãos a vencerem a indiferença, a tomarem uma decisão livre e responsável perante Jesus Cristo.*

Esta convocação é um desafio à criatividade e à autenticidade do testemunho cristão. O cristão será tanto mais um sinal evangelizador, quanto testemunhar com a

[22] Ibidem.

sua vida a Verdade de Jesus Cristo, sinal de esperança, condição de felicidade para o homem. É resposta ao apelo da 1ª Carta de S. Pedro: *Não temais, [...] nem vos deixeis perturbar. Mas venerai Cristo Senhor nos vossos corações e estai sempre prontos a responder a todo aquele que vos perguntar a razão da vossa esperança* (1Pd 3, 14-15).

João Paulo II fala da *caridade evangelizadora*, como sinal de esperança e caminho do amor: *Para servir o Evangelho da esperança, é pedido também à Igreja na Europa que percorra a estrada do amor*[23]. O serviço do Evangelho da esperança inclui o serviço da caridade, o serviço ao homem na sociedade, na comunhão e solidariedade, devolvendo a esperança aos pobres, afirmando a verdade do matrimónio e da família e, ao mesmo tempo, servir o Evangelho da vida construindo uma cidade digna do homem e acolhendo todos os oprimidos, estrangeiros, perseguidos, explorados ou humilhados na sua dignidade de filhos de Deus, irmãos de Jesus Cristo.

João Paulo II não se cansa de apelar à urgência da Nova Evangelização, exortando, uma vez mais:

> *O "Evangelho", este anúncio feliz para todo o homem, consiste, em última análise, nisto: Deus amou-nos primeiro (cf. 1Jo 4, 10.19); Jesus amou-nos até ao fim (cf. Jo 13, 1). Por intermédio do dom do Espírito, é oferecida aos crentes a caridade de Deus, tornando-os participantes da sua própria capacidade de amar. [...] É vocação da Igreja, enquanto sinal credível — embora sempre inadequado – do amor concreto, fazer encontrar os homens e mulheres com o amor de Deus e de Cristo que vem à procura deles* [24].

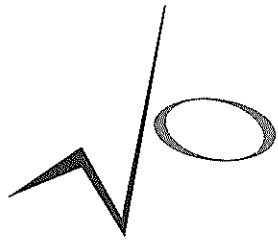
---

[23] Ibidem, nr. 83.
[24] Ibidem, nr. 84.

É a proclamação feliz do *Evangelho da esperança* que no final do Apocalipse (cf. 21, 2) anuncia o sinal dos *novos céus e a nova terra*, a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu:

*Eis que eu venho em breve e trarei a recompensa para retribuir a cada um conforme as suas obras. Eu sou o Alfa e o Ômega, o Primeiro e Último, o Princípio e o Fim* (Ap 22, 12-13).





# O MINISTÉRIO DO DIÁCONO NA IGREJA DE HOJE

Professor Doutor Pe. H. Noronha Galvão
Teólogo, Professor da UCP

A fé cristã, no que tem de profundamente paradoxal, é sempre um desafio aos critérios que, à primeira vista, são os mais plausíveis. Não diz S. Paulo que a cruz de Cristo é escândalo para os judeus e loucura para os gentios (1Co 1,23)? Que há de menos plausível que a loucura e o escândalo? Quando nos aproximamos das grandes verdades da fé e do modo como a Igreja as propõe, deparamo-nos com essas descontinuidades de julgamento que as grandes causas implicam, essa *inversão de todos os valores* que, bem entendida, sempre implica a superação da mediania. No sec. XX, autores cristãos como Bernanos e Graham Greene mostraram eloquentemente, nos seus romances, como a autenticidade da fé se revela muitas vezes naquelas situações limite em que os aparentemente mais fracos surgem a superar as provações com a maior autenticidade. E, na realidade, o sec. XX foi um século de mártires,[1] que, perante as perseguições, deram testemunho da loucura e do escândalo da cruz.

[1] Cf. Andrea RICCARDI, O século do martírio, Lisboa: Quetzal 2002

A história da Igreja mostra o diaconado como uma das realidades mais sensíveis ao paradoxo da fé. Como foi possível que o exercício efectivo deste ministério desaparecesse quando tudo parecia ir pelo melhor na Igreja, depois da adesão do Império à fé cristã? É certo que no memorável sec. IV, em que o Imperador se converte, os diáconos estão em pleno florescimento. Mas a sua decadência depressa se anuncia. Em plena Igreja de cristandade, pelo sec. X, perdem toda a relevância acabando por permanecer apenas como transição para o presbiterado.[2] Terá parecido demasiada loucura e escândalo participar no ministério que Jesus havia confiado aos Apóstolos apenas à maneira de um simples serviço, sem competência para presidir à comunidade? Não fora já Pedro que se irritara com Jesus por este admitir ser o Messias à maneira do justo sofredor e do servo de Deus (cf. Mc 8,27-33 par.)? E não voltara a reincidir na mesma incompreensão quando o Senhor e o Mestre, na Última Ceia, lhe quis lavar os pés (Jo 13, 8)? Ser rocha firme da Igreja não tem a ver com atitudes de quem pensa em termos de plausibilidade, exige antes o salto para o paradoxo da fé em que a profundidade da verdade escapa às aparências de superfície.

Julgo que o fim do diaconado na Idade Média se liga com esse mal-estar de uma comunidade demasiado segura de si mesma, e que não estava à altura de entender como a simplicidade de um serviço pode ser profunda expressão da missão salvífica de Jesus Cristo. Um tal serviço pode apresentar-se tão adequado para entender o verdadeiro significado de todo e qualquer ministério ordenado (seja do presbítero ou do bispo), como Jesus julgou necessário lavar

[2] No que respeita a referências concretas e precisas, cf. o documento da Comissão Teológica Internacional (CTI), Diaconado. Evolução e perspectivas (Publicações Communio), Lisboa: Rei dos Livros 2003. Para este aspecto, p. 42-49.

os pés aos discípulos para lhes fazer entender a sua própria missão de serviço que queria colocar nas suas mãos.

O que, depois, aconteceu foi os Apóstolos verificarem que necessitavam de colaboradores que se dedicassem às tarefas mais simples do ministério apostólico – servir às mesas, por exemplo –, para lhes deixarem mais disponibilidade para a pregação do Evangelho e a formação das comunidades. Ainda que actualmente os exegetas não tendam a reconhecer nos Sete escolhidos para o serviço das comunidades helenísticas (Act 6, 1-6) o ministério do diaconado, também é certo que não só St. Ireneu, no sec. II, mas também os mais antigos rituais de ordenação os reconhecem como modelos de um ministério que, de facto, foi prestado pelos diáconos. Significativo é que no tempo da Igreja nascente essa mesma colaboração não tenha sido considerada estranha ou lateral ao ministério apostólico recebido de Jesus Cristo. Antes se entende que faz parte dele, tal como o gesto de lavar os pés pertence de direito à *hora* de Jesus (Jo 13,1), a hora da sua dádiva total em serviço aos homens que se há-de consumar sobre a cruz (Jo 17,1). Com efeito, *o Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a minha vida em resgate por todos.* (Mc 10,45 par.) A sua missão é, verdadeiramente, a do Servo de Deus (cf. Is 52,13- 53,12). Poderá ser alheio ao exercício dessa missão um ministério de simples serviço? O gesto de *ordenação*, pela imposição das mãos e a invocação do Espírito, é efectivamente usado para todos os colaboradores dos Apóstolos, incluindo os destinados ao *serviço das mesas* (Act 6,2-3) e certamente os que podemos reconhecer com maior rigor exegético como diáconos (cf. Fl 1,1; 1Tm 3,1-13).

Pode-se dizer que o concílio Vaticano II consagrou o fim do período da história da Igreja caracterizado pelo regime de cristandade. O programa de *aggiornamento*, proposto ao concílio por João XXIII, era necessário porque

a vida da Igreja se tornara diferente. Em muitos aspectos, a Igreja tinha agora mais parecenças com o período da Igreja Antiga do que com o tempo que se lhe seguira. Perseguida, a Igreja dera então o testemunho da sua fé até ao martírio; a sua missão fora verdadeiramente vivida como serviço a um mundo que precisava da salvação que Jesus Cristo lhe trazia. Em regime de cristandade, pelo contrário, é grande a tentação de confundir a Igreja com o Reino de Deus. Desde que a Igreja estivesse segura, o Reino de Deus estaria assegurado. O concílio veio recordar que, na Igreja, o Reino de Deus apenas está em gérmen (cf. LG 5), e que é no serviço do Reino que a Igreja encontra a sua razão de ser. Como nos seus inícios, foram muitos os mártires na Igreja do sec. XX. Como então, a Igreja sente-se hoje chamada a ser com maior clareza *serva e pobre*.[3]

Não é, pois, de estranhar que o exercício do diaconado tenha, de novo, adquirido relevância, e que a sua restauração se tenha apresentado com urgência. A Igreja já se não podia dar ao luxo de o dispensar. O serviço dos colaboradores do bispo e seus presbíteros, devia aparecer na sua forma tradicional de ministério ordenado, isto é, como parte integrante do ministério apostólico. Este fora confiado por Jesus aos Doze e por estes transmitido aos seus colaboradores e sucessores. E foi a vida concreta da Igreja, a que nunca falta a assistência do Espírito, que levou, logo desde os seus inícios, à necessidade de desmembrar esse ministério em episcopado, presbiterado e diaconado.[4]

É certo que o concílio Vaticano II não impôs o ministério efectivo do diaconado às Igrejas particulares como uma obrigação, apenas lho ofereceu como uma possibilidade. Nem podia ser de outra forma. Há cerca de mil anos que o

[3] Cf. Yves CONGAR, Igreja serva e pobre, Lisboa : Logos 1964.
[4] Cf. CTI, op. cit., p. 20-41.

diaconado não era exercido. A sua forma antiga não podia ser transplantada, pura e simplesmente, de tão recuados tempos para a modernidade. O concílio preferiu abrir um caminho em que se tornasse possível retomar a experiência viva do ministério diaconal, para o conduzir a novas formas adequadas à Igreja do tempo presente. De modo sintomático (e ao contrário das previsões iniciais), foram as Igrejas já bem implantadas e com uma história mais ou menos longa que acolheram esta oferta conciliar e permitiram ao ministério diaconal que se desenvolvesse e fosse tomando forma. A experiência aí está,[5] com todas as suas dificuldades e virtualidades. A partir dela, pela reflexão teológica e pastoral que suscita, vão surgindo os novos contornos deste ministério para a Igreja de hoje.

Alguns pontcs precisos se vão destacando.

Em primeiro lugar, que só há um sacramento da Ordem e que este deve ser entendido como *sacramento do ministério apostólico* (expressão feliz do Catecismo da Igreja Católica [CIC], n. 1536, que resume bem LG 58), transmitindo, de modo diferenciado, a missão e responsabilidade particular pela Igreja que Jesus confiou aos Doze. Comparada com os outros sacramentos, a Ordem tem de peculiar o desdobrar-se em três graus de um mesmo ministério. A ordenação sacramental do bispo, do presbítero e do diácono, não só os institui no ministério apostólico comum aos três, mas também confere a cada um deles o que lhe é próprio: ao bispo o que é próprio do bispo, ao presbítero o que é próprio do presbítero, ao diácono o que é próprio do diácono.

No que respeita a este último, o específico do seu grau infere-se das palavras que, desde a *Traditio Apostólica* (TA),[6] definem a finalidade de sua ordenação: *non ad*

[5] Cf. CTI, op. cit., p. 78-87.

[6] Cf. HIPPOLYTE DE ROME, La Tradition Apostolique d'après les anciennes versions, Introduction, traduction et notes par Bernard Botte (SCh 11bis), Paris: Cerf 21968, p. 58-61.

*sacerdotium, sed ad ministerium*, não para o sacerdócio mas para o ministério, para o serviço. Esse ritual da Igreja de Roma do sec. II-III acrescentava ainda o genitivo *episcopi*, do bispo, explicando que o diácono se destinava a fazer aquilo que o bispo lhe ordenasse. Se não houvesse esta explicação, poderia entender-se o genitivo de dois modos: como genitivo subjectivo ou objectivo. O primeiro corresponde à explicação que se acrescentava: o diácono é ordenado para o serviço (*ministerium*) do bispo, no sentido de que deve fazer o que este lhe ordena. Mas o genitivo, em si, podia ter também o sentido objectivo; nesse caso significaria que o ministério do diácono é participação no ministério do bispo. Mas a transmissão textual da TA levou a que o genitivo *episcopi* deixasse de ser mencionado, tal como deixou de ser referida a frase que se lhe seguia para o explicar. Diz-se agora apenas que o diácono se destina, não para o sacerdócio mas para o ministério. Com a palavra sacerdócio, quer-se designar a função própria do bispo, juntamente com os presbíteros, de presidir à comunidade eclesial, em primeiro lugar celebrando a Eucaristia. Ora não é essa a função do diácono. Por isso ele não pertence ao colégio presbiteral presidido pelo bispo; e, consequentemente, no momento da ordenação, só o bispo coloca sobre ele as suas mãos. Quando se trata da ordenação de um presbítero, não só o bispo, mas também os que já são presbíteros colocam as mãos sobre ele como que acolhendo-o no seu colégio. A função dos diáconos é diversa. A palavra *ministerium* define-a como um serviço, distinto da função de presidir à comunidade eclesial. Esta definição da função diaconal foi entendida como o essencial, dispensando-se tudo o que explicava mais pormenorizadamente de que serviço se tratava. Assim aparece já nos rituais da Idade Média, e assim foi adoptado pelo Vaticano II.

Segundo o concílio do sec. XX, como entender a relação dos diáconos com os outros ministros ordenados, o

bispo e os presbíteros? A sua colaboração com eles é a de um serviço, em primeiro lugar em relação ao bispo, mas também em relação aos que formam o seu presbitério. É o bispo com o seu presbitério que assume a presidência da comunidade eclesial, e é como colaboração com essa função de presidência que se define a função de serviço dos diáconos.[7] Por outro lado, o concílio definiu o ministério episcopal como a plenitude do ministério ordenado; é portanto dessa plenitude que o ministério diaconal participa. Pode pois dizer-se que se o genitivo *episcopi* continuasse a ser empregue na fórmula de ordenação dos diáconos, ele deveria ser entendido no seu duplo sentido possível: como genitivo subjectivo, pois o diácono está ao serviço do bispo (com o seu presbitério); e como genitivo objectivo, porque o diácono participa da plenitude de ministério que é própria do bispo. Mas, quando se fala de participação, esta não deve ser entendida como se o presbítero ou diácono participassem directamente do ministério do bispo. Como sacramento que é, a ordenação faz participar todo e qualquer ordenado no mistério de Jesus Cristo, pela acção do Espírito Santo. O que acontece é que a graça sacramental quer do presbítero quer do diácono, pertencem a uma totalidade que só o bispo recebe pela sua ordenação, cabendo aos seus colaboradores exercerem com ele e sob a sua orientação a função ministerial própria. Eles não são presbíteros e diáconos por serem colaboradores do bispo; são colaboradores do bispo por serem presbíteros e diáconos, por terem recebido de Jesus Cristo pelo Espírito Santo, mediante a ordenação, a

[7] Os que, na situação actual, recebem o diaconado como transição para o presbiterado evidenciam como esse ministério tem uma relação constitutiva com os ministérios sacerdotais; os que recebem o diaconado como ministério permanente mostram como o diaconado é uma ordenação para o serviço. Mas uns e outros, teologicamente, realizam um ministério idêntico a que são próprios esses dois aspectos.

participação que lhes é própria na missão de Jesus Cristo confiada aos Apóstolos.

Mas, como acontece noutros casos, esta limitação pode dar também origem a novas oportunidades, porque confere àquele que não possui certas competências uma liberdade de acção que os outros ministros ordenados não têm. É com vista a uma tal liberdade de acção que o Código de Direito Canónico (CDC) não impõe aos diáconos restrições a que o bispo e os presbíteros estão obrigados. Já pelo texto conciliar é possível a um homem casado ser ordenado diácono. E o CDC vai mais longe, permitindo ao diácono, entre outras coisas, a liberdade de ocupar cargos públicos no domínio civil e participar activamente nos partidos políticos e nas associações sindicais.[8] Poder-se-ia pensar que, deste modo, o diácono está a invadir o domínio dos leigos, caracterizados pela *índole secular*. Mas essa liberdade de movimentos do diácono tem um outro significado e serve uma outra vocação, diversa da dos leigos. A função do diácono é, para todos os efeitos, a do ministério ordenado. Só que os pastores da comunidade eclesial, devido às exigências do seu ministério episcopal ou presbiteral, podem não ter condições para entrar em contacto com a vida concreta do povo de Deus do mesmo modo que é possível ao diácono. E, sob este aspecto é de sublinhar o contributo muito importante que podem dar ao ministério dos diáconos casados as suas mulheres. Por isso elas devem ser associadas não apenas à decisão dos maridos, mas também à sua formação e ao desempenho das suas funções. É o próprio NT e a tradição que propõem uma forma feminina de diaconia, em ligação com os diáconos ordenados.[9] Também aqui se abrem perspectivas que ainda é necessário reflectir e concretizar.

---

[8] Cf. CTI, op. cit., p. 111, nt. 85.
[9] Cf. CTI, op. cit., p. 34-41.

Deve no entanto acrescentar-se que o ministério diaconal pode também ser exercido de maneira diversa no caso de o diácono ser religioso. A ligação que o diácono é chamado a fazer com o povo de Deus[10] pode, então, dizer respeito àqueles que não partilham a vocação laical mas a vocação religiosa pela profissão dos conselhos evangélicos, pode dizer respeito a todo um domínio da comunidade eclesial marcada pela consagração religiosa e não pelo empenhamento secular. A liberdade de movimentos no mundo, a que acima se fez referência, deixa então de ter sentido, sem que a identidade do diácono seja o quer que seja afectada. Afinal, também o diácono, à sua maneira, partilha da dupla possibilidade comum a todo o clero de pertencer ou ao clero secular ou ao clero religioso, em nada isso afectando o carácter específico do seu ministério. E a profissão dos conselhos evangélicos confere um outro tipo de liberdade que dá um outro rosto ao exercício do ministério diaconal.

A visão conciliar do ministério ordenado, como aliás de toda a missão da Igreja, abrange os três múnus: profético, sacerdotal e real, identificando-se, neste último, a realeza com o serviço que é sempre serviço de caridade (*ágape*): *há diversidade de serviços, mas o Senhor é o mesmo*, diz S. Paulo (1Co 12,5). À sua maneira, o diácono participa de cada um destes três múnus. Mas, no seu ministério, assume evidência particular o serviço da caridade. Esta é uma nota sempre referida na tradição acerca dos diáconos, presente também durante a discussão conciliar e que os documentos do magistério pós-conciliar sublinham. O valor propriamente cristão do serviço é ser manifestação e exercício do amor de caridade que levou

[10] Esta ideia da ligação que o diácono é chamado a realizar entre os ministros sacerdotais e todo o restante povo de Deus surgiu logo durante a discussão conciliar e foi posteriormente retomada por Paulo VI. Cf. CTI, op. cit., p. 109-110, nt. 81 e 82.

Jesus Cristo ao sacrifício da sua vida pelos homens. E o exercício sem fronteiras de um amor inteiramente gratuito assume, na Igreja, um alcance profético, pois é o mais convincente testemunho da nossa fé no Deus que ama todos os homens.[11]

No interior do próprio *sacramento do ministério apostólico* o diaconado possui um carisma que ilumina o verdadeiro significado dos ministérios sacerdotais, tornando concretamente perceptível que quer o bispo quer os presbíteros estão animados da mesma caridade de Jesus Cristo. E acresce que estes precisam dos diáconos para levar aos domínios mais remotos do povo de Deus, na vida religiosa ou no domínio secular, a missão que Jesus Cristo confiou aos Apóstolos e agora está nas suas mãos. Pelos diáconos eles tomam conhecimento de toda a riqueza da vida do povo de Deus; através dos diáconos a graça do ministério apostólico atinge o povo de Deus na sua vida concreta. Por isso, multiplicam-se hoje as formas de exercer este grau do ministério ordenado nos mais diversos sectores da sociedade, e é nos mais diferentes e recônditos meios de vida que os diáconos são recrutados para poderem aí ser a presença viva do ministério apostólico.[12]

Pela sua colaboração com os ministros sacerdotais, também os diáconos participam da função ministerial do sacerdócio que é, como explica S. Tomás de Aquino, a de

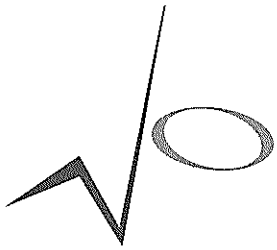
---

[11] O historiador Peter BROWN, em A ascensão do cristianismo no Ocidente (Col. Construir a Europa), Lisboa : Presença 1999, p. 49, referindo-se à acção caritativa da Igreja antiga, observa: A acção de dar aos pobres, àqueles que se encontravam nas franjas da comunidade, tornava real o carinho sem limites que Deus tinha pela Humanidade.

[12] A este respeito, existem actualmente experiências interessantes na América Latina. No Peru, a Igreja conseguiu através do diaconado uma maior presença nos meios populares donde vêm os próprios diáconos. Ao arcebispo de Bogotá (Colômbia) ouvi o relato de como, através dos diáconos, ele assegura a sua presença nos meios mais diversos da sua diocese donde também os recebe.

realizar a mediação entre Deus e os homens.[13] Também eles estão, desta forma, ao serviço do ministério dos pastores, alargando a todos os domínios do povo de Deus a sua presença, garantindo que a comunidade eclesial, na diversidade de vocações e carismas, seja efectivamente convocada para a unidade. Daí a importância do ministério diaconal também nas paróquias, porque estas são o cadinho em que se forma a unidade eclesial enquanto comunidade de comunidades, e porque nestas se atinge muitas vezes aqueles que, sem a paróquia, não teriam uma ligação viva à Igreja.

Deste modo, pelo sacramento da Ordem, o único Pastor da Igreja, Jesus Cristo, a todos chama, congrega e conduz mediante o exercício do ministério apostólico nos seus três graus. 



# O DIACONADO PERMANENTE NA IGREJA DE LISBOA

Cónego Francisco Tito
Vice-Reitor do Seminário dos Olivais
Presidente da Comissão Diocesana do Diaconado Permanente

**Introdução**

A instituição do diaconado como ministério na Igreja costuma referir-se a Act 6,1-6, quando os Apóstolos, para não deixarem a oração e a pregação impuseram as mãos sobre sete homens prudentes tornando-os seus colaboradores no que respeita ao *serviço das mesas*, isto é, à assistência *sócio-caritativa* dos mais desprotegidos (viúvas e órfãos).

A este serviço da caridade juntou-se, desde cedo, o anúncio da Boa – Nova (Act.8,5), pois não há maior caridade do que dar a conhecer o Evangelho, como recentemente bem recordou o Santo Padre (NMI n.50). Logo no Sec. I Santo Inácio de Antioquia (2°. Sucessor de S. Pedro no governo desta Igreja) escreve aos Tralianos: É *preciso que também os diáconos, que são ministros dos mistérios de Jesus Cristo, agradem a todos em tudo. Eles não são administradores de comidas e bebidas, mas ministros da Igreja de Deus. (...). E todos respeitem os diáconos como a Jesus Cristo.*

A palavra diácono, em grego significa aquele que serve. O Pai do Céu apresenta o seu Cristo: *Eis o meu servo, enlevo da minha alma* (Is 42,1) e Cristo diz de Si mesmo que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida (Cf. Mc 10,45). E Jesus deixou-nos o exemplo para que assim como Ele fez, façamos nós também (Cf. Jo 13,15: 1Pe 2,21).

A Igreja está no mundo para continuar este serviço inaugurado por Cristo. Cada cristão chegará à plenitude da salvação se servir a Cristo e como Cristo o mais pequenino dos seus irmãos (Cf. Mt 25,40). Mas para servirmos a Cristo e como Cristo é necessário deixarmos que Cristo nos sirva (Cf. Jo 13,4-17) e nos mostre como se serve. Os ministros ordenados e os diáconos em particular, são esta presença, (o Papa chamou-lhes *Ikones*) não apenas do serviço de Cristo, mas de Cristo que serve e ensina a servir.

Graças ao sacramento da Ordem, Cristo não fica longe, no seio do Pai, ou há 2000 anos na Palestina, mas *no meio de nós.*

Em documento recente (Novembro de 2002) a Comissão Teológica Internacional dando contas de vários anos de reflexão e pesquisa, apresenta a sacramentalidade do diaconado, não como uma *potestas* (*um poder fazer*) visto que tudo o que na liturgia e na pastoral, o diácono pode fazer, pode ser igualmente feito por qualquer baptizado desde que devidamente mandatado pela Hierarquia da Igreja, mas como uma configuração com Cristo, Senhor e Servidor, tornando o diácono um *Ikone* vivo de Cristo Servidor na Igreja, como muito claramente se refere na *Ratio fundamentalis* (1998) nos nn. 5 e 11.

## A restauração do diaconado permanente na Igreja Católica

O Diaconado foi florescente na Igreja do Ocidente, até ao Sec. V; depois por razões diversas, a que não é

indiferente o comportamento de alguns diáconos e, sobretudo, a preocupação pelo sufrágio dos mortos aplicando a Missa em seu favor. fazendo disto a função principal dos ministros da Igreja que, para isso, se tornaram sacerdotes, foi conhecendo um lento declínio, acabando por permanecer só como etapa intermédia para os candidatos à ordenação sacerdotal

O Concílio de Trento que terminou no ano 1549 mandou que o Diaconado Permanente fosse restaurado, como era antigamente: *O santo Sínodo ardendo de desejo de restabelecer as tradições de outrora, decreta que, para o futuro, este género de ministérios seja exercido somente por aqueles que estão constituídos nas ditas ordens.* (S. XXIII; c.17). Mas esta decisão não teve aplicação concreta. O Concilio Vaticano II decidiu restaurar o diaconado como grau permanente da Ordem e conferi-lo não só a homens celibatários, mas também a homens, de idade madura, mesmo casados apontando 4 razões para o fazer:

I. **O desejo de enriquecer a Igreja com as funções do ministério diaconal que, doutra maneira, em muitas regiões, dificilmente, poderiam ser exercidas.** (é certo que durante todo o segundo milénio os presbíteros e até os bispos exerciam as funções diaconais revestindo-se mesmo dos paramentos próprios dessa ordem, mas a verdade dos sinais reclamavam que se interrompesse essa prática, embora ainda hoje , no colégio cardinalício, haja um certo número de cardeais que, sendo bispos, se chamem cardeais diáconos, mas já não vestem a dalmática nem assistem ao papa como diáconos).

II. **A intenção de reforçar com a graça da ordenação aqueles que, de facto, já exerciam funções**

**diaconais**.(O Dec. *Ad gentes* do II Concílio do Vaticano no nº.16, apela para que sejam ordenados diáconos aqueles que, nas missões, desempenhem já funções diaconais. É, pois um importante critério para a selecção dos candidatos!).

III. **A preocupação de prover de ministros sagrados as regiões que sofriam de escassez de clero**. (Cf. LG nº.29). Curiosamente, olhando para os números, verificamos que as regiões onde há maior escassez de clero, são as regiões onde há menor número de Diáconos Permanentes. Em 1998, a Secretaria de Estado da Santa Sé apresentava, nas estatísticas oficiais da Igreja os seguintes números:

| **Continentes** | **Total de diáconos** | |
|---|---|---|
| América do Norte | 12 801 | 50,96 % |
| Europa | 7 864 | 31,30 % |
| América do Sul | 2 370 | 9,43 % |
| América Central e Antilhas | 1 387 | 5,52 % |
| África | 307 | 1,22 % |
| Ásia | 219 | 0,87 % |
| Oceânia | 174 | 0,69 % |
| Total | 25 122 | 100 % |

IV. **A possibilidade de maior e mais directa presença de ministros sagrados nos vários ambientes de família, de trabalho, de escola, etc., para além da presença nas estruturas pastorais constituídas** (João Paulo II, Audiência geral 6/X/93). Assim o diácono exerceria uma função de mediação uma espécie de *medius ordo*, como lhe chamou o papa Paulo VI no Motu Proprio *Ad Pascendum* de 1972 em que define as condições para a admissão e ordenação dos candidatos ao diaconado. No seio do mundo

está inserido pela vida familiar, profissional, pelas proximidades de vizinhança o Diácono Permanente (a maior parte das vezes, homem casado e pai de filhos) é um ministro da Igreja acolhido como *um dos nossos* sabendo nós a importância que esta expressão tem para a aceitabilidade das propostas, num mundo marcado por pequenos círculos de solidariedades e afinidades como é o nosso. E por outro lado é um marido, pai de família, profissional, vizinho que toma a palavra no meio dos pastores da Igreja para com eles discernir da prioridades e opções pastorais.

**O Diaconado permanente na Igreja de Lisboa**

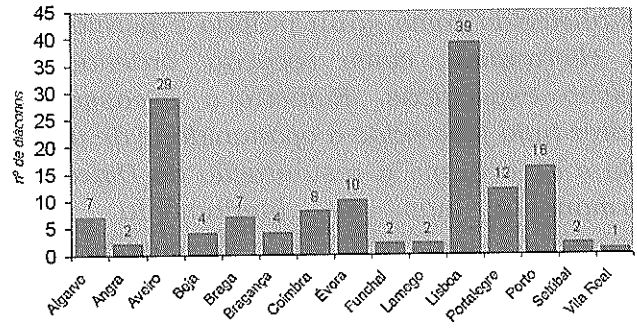
Em Portugal, a Ordem de Diácono, como grau próprio e permanente da Hierarquia sagrada e não apenas como grau de transição para o sacerdócio, foi restaurado em 1979, por João Paulo II, a pedido da Conferência Episcopal Portuguesa. Uma Nota da mesma Conferência Episcopal datada de 15 de Janeiro de 1980 dava conta ao Povo de Deus do caminho percorrido até então e apresentava os passos seguintes. Vale a pena reproduzirmos o número 2 da referida Nota:

> *Como diz o Concílio Vaticano, que restaurou na Igreja Católica o Diaconado Permanente (uma vez que ele tinha praticamente desaparecido no Ocidente como grau "autónomo" nos começos do segundo milénio), o Diaconado é restabelecido como «grau próprio e permanente da Hierarquia», como vocação, ordenação e missão específicas. Embora a escassez de padres haja favorecido a oportunidade de pensar nele e de o exigir, a restauração do Diaconado Permanente não se fundamenta nessa circunstância, mas no facto de ele constituir parte integrante da estrutura hierárquica da Igreja.*

*Com o restabelecimento do Diaconado Permanente fica, pois, mais enriquecida a Hierarquia da Igreja, nas suas possibilidades de serviço ao Povo de Deus. Se, por um lado, o diácono permanente há-de ajudar o Bispo e o seu Presbitério na realização das celebrações litúrgicas, nomeadamente da Eucaristia e dos restantes sacramentos, ele há-de dedicar-se também com empenho ao trabalho do anúncio da Palavra de Deus e colaborar intensamente na acção sócio-caritativa da Igreja. Neste sector terá mesmo papel particular, dada a sua maior proximidade com o laicado, com a vida concreta, com os problemas, principalmente se é diácono casado.*

No Patriarcado, depois de um período de informação a todas as comunidades e de recolha dos nomes dos candidatos, e após um tempo razoável de formação, os primeiros diáconos permanentes foram ordenados em 1987. O mesmo foi acontecendo em tempos diversos em quase todas as dioceses portuguesas. À data em que escrevemos este texto há em Portugal 145 diáconos permanentes seculares assim distribuídos:

Diáconos Permanentes em Portugal



Em Lisboa, após a ordenação dos primeiros candidatos, entrou-se num período de apreciação e avaliação interrompendo-se a inscrição e formação de novos candidatos. Em 15 de Abril de 1994, 7 anos após a ordenação dos primeiros diáconos permanentes, o Patriarca de Lisboa em documento próprio faz o *Relançamento do Diaconado Permanente no Patriarcado de Lisboa* recordando os fundamentos doutrinais, estabelecendo os critérios para a selecção dos candidatos, os programas da formação e as atribuições da equipa responsável pela formação.

O primeiro grupo de 9 candidatos foi admitido á formação no ano pastoral de 1994/95 e em 5 de Julho de 1998 foram ordenados os primeiros dentre eles. Até ao presente, após este relançamento, foram admitidos 75 aspirantes dos quais foram já ordenados 21; 33 estão entre o número dos candidatos e 4 são aspirantes.

Do documento que relança o Diaconado Permanente no Patriarcado de Lisboa sobressaem as seguintes normas:

I. A admissão dos candidatos ao Diaconado Permanente é feita por escolha dos párocos, ou directores de serviços diocesanos, e não por simples oferecimento dos interessados.

II. O candidato deve ser um homem bom, honesto, de fáceis contactos humanos e de boa reputação; deve ter uma vida espiritual séria e estar dotado de um grau de educação e cultura geral que o prestigie no seu meio ( deve possuir pelo menos as habilitações do ensino secundário, ou equivalentes); deve ser um cristão de fé prática, espírito de oração e frequência dos sacramentos; deve ter dado provas de amor à Igreja e docilidade aos seus Pastores, zelo apostólico e caridade

pronta. Devem ainda ter adquirido o respeito e a estima do clero e dos fiéis pelo comprovado exemplo de integridade moral, vida cristã e disponibilidade para o serviço. Presume-se que a estabilidade exigida para os casados se não antes dos 35 anos. Deverão ainda possuir, além de experiência em serviços de Igreja, razoáveis conhecimentos da doutrina cristã e uma cultura e capacidade intelectual suficientes para os estudos que vão fazer.

As *Normas Fundamentais Para a Formação dos Diáconos Permanentes* publicadas pela Congregação para a Educação Católica em 22 de Fevereiro de 1998, estabelecem os critérios para organizar o percurso formativo:

*a) é necessário que o diácono seja capaz de testemunhar a sua fé e possua uma amadurecida e viva consciência eclesial;*

*b) que seja formado para as tarefas específicas do seu ministério;*

*c) é importante que adquira a capacidade de leitura da situação e de uma adequada inculturação do Evangelho;*

*d) é bom que conheça as técnicas de comunicação e animação das reuniões, que saiba falar em público, que seja capaz de guiar e aconselhar ( nº.80)*

E as matérias que se devem ter em consideração nesse percurso:

*a) a introdução à Sagrada Escritura e à sua recta interpretação; a teologia do Antigo e do Novo Testamento; a inter-relação entre Escritura e Tradição; o uso da Escritura na pregação, na catequese e na actividade pastoral em geral;*

*b) a iniciação ao estudo dos Padres da Igreja e um*

*conhecimento geral da história da Igreja;*

*c) a teologia fundamental, com explicação das fontes, dos temas e dos métodos da teologia, apresentação das questões relativas à Revelação e ao enfoque da relação entre fé e razão, de forma a habilitar os futuros diáconos a exprimir a razoabilidade da fé;*

*d) a teologia dogmática, com os seus diversos tratados: Trindade, criação, cristologia, eclesiologia e ecumenismo, mariologia, antropologia cristã, sacramentos (especialmente a teologia do ministério ordenado), escatologia;*

*e) a moral cristã, nas suas dimensões pessoais e sociais, e em particular a doutrina social da Igreja;*

*f) a teologia espiritual;*

*g) a liturgia;*

*h) o direito canónico.(n°.81)*

A par desta formação teológica desenvolve-se também a formação pastoral que começa por ser o desenvolvimento duma séria espiritualidade; um coração de pastor capaz de nutrir e agir nos sentimentos de Cristo Servo e Pastor, mas que deve abarcar os conhecimentos da Teologia Pastoral e das ciências humanas que facilitem o contacto com os outros homens e os compreenda. Além disso e em ligação com o ensino da Teologia Pastoral *deve prever-se para cada candidato um tirocínio prático, que lhe permita verificar na prática o que aprendeu nos estudos* ( n°.87).

O cultivo duma verdadeira espiritualidade diaconal levará o candidato, com a orientação do director espiritual e demais responsáveis pela sua formação, a cultivar aquelas virtudes humanas e cristãs que reflictam a sua união ao Senhor e sejam garantes da eficácia pastoral do seu ministério.

III. Tratando-se de homens casados, só serão admitidos os que ao longo de um número

razoável de anos de vida matrimonial (5 pelo menos) se tenham revelado chefes de família exemplares, recomendando-se a esposa e os filhos por vida verdadeiramente cristã e por boa reputação. Requer-se ainda, da parte da esposa, não só o seu consentimento formal, consignado por escrito, mas também sinais seguros, fundados nas suas qualidades naturais e circunstâncias de vida. de que não virá a prejudicar ao marido o exercício do ministério.

IV. No processo de escolha dever-se-á também auscultar o parecer das comunidades a que pertencem os eventuais candidatos, o que, no entanto, se fará com a devida discrição (cf. *Relançamento do Diaconado Permanente, I,3).*

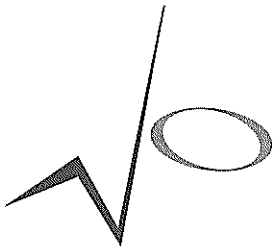
Olhando para a proveniência dos aspirantes apresentados a partir de 1995, verificamos que 34% são de Lisboa, e com igual percentagem está também o Termo e do Oeste provêm 32% dos candidatos. A percentagem sobe em favor do Termo e do Oeste se olharmos aos admitidos no número dos candidatos e aos que efectivamente foram ordenados.

As tarefas confiadas aos diáconos permanentes na nossa diocese, abarcam áreas diversas desde a Cúria à pastoral sócio-caritativa, mas é a pastoral litúrgica e as celebrações litúrgicas que absorvem o maior número dos diáconos permanentes e a maior parte do seu tempo.

**Conclusão**

Da avaliação dos serviços prestados pelos diáconos permanentes à Igreja de Lisboa, tira-se uma apreciação muito positiva. Eles têm-se revelado generosos colaboradores do presbitério, sobretudo na área da pastoral

colaboradores do presbitério, sobretudo na área da pastoral litúrgica (preparação para a recepção dos sacramentos) e da própria celebração dos sacramentos e sobretudo das exéquias cristãs. De facto é próprio do diácono: Administrar o Baptismo solene; conservar e distribuir a Eucaristia; assistir em nome da Igreja aos matrimónios e abençoá-los; levar o Viático aos moribundos; ler a Sagrada Escritura aos fiéis; instruir e exortar o povo; presidir ao culto e à oração dos fiéis; administrar alguns sacramentais; e presidir aos ritos dos funerais e da sepultura (LG n°.29). Pena é que não lhes esteja mais aberto o campo da Pastoral Sócio-Caritativa, para cujo serviço foram criados e cuja gestão rouba, tantas vezes aos presbíteros, o espaço pertencente à oração e ao anúncio da Palavra (cf. Act 6,1-6).



# AO SERVIÇO DO REINO

Diácono José Freire

Foi-me solicitado, para publicação na *Novellae Olivarum*, o meu *depoimento* como Diácono Permanente. Não se trata, certamente, de apresentar uma auto-biografia, mas antes responder a algumas questões como sejam:

- Como surgiu a vocação?
- Que preparação foi feita?
- Como foi a aceitação pelo clero (presbíteros) e pela comunidade?
- Que tem feito no exercício do ministério?
- Que dificuldades têm surgido?
- Como foi (ou é) com a vida profissional e a vida familiar?
- ... E o mais que possa ocorrer.

**Vocação humana, eclesial e diaconal**

Acreditamos que Deus, na sua infinita ternura de Pai, nos prepara a felicidade sem limites. Para isso, cumula-nos de bens mediante chamamentos, vocações: chama-nos à existência, à vida, chama-nos à fé e à vida cristã, a algum ou alguns serviços (ministérios) na comunidade, alguns mais especificamente eclesiais.

E foi assim que, chamado à vida e à fé numa

pequena aldeia ribatejana, cheguei ao seminário que frequentei até ao primeiro ano de teologia.

Crente de não ser, afinal, essa a vocação, mantive a minha vida cristã, colaborando em diversos serviços à comunidade.

Quando, um dia, o pároco anunciou a restauração do Diaconado Permanente, dizendo, a certa altura: *estou a ver alguém que seria um bom Diácono*, houve algo que me interpelou:

*Será comigo?* Foi a pergunta que lhe fiz depois do que resultou a minha inscrição como candidato a este ministério.

Antes de ser consultada a comunidade sobre a minha eventual ordenação ao ser inquirido pelo Pároco, expressei a minha dúvida, dado já ter entrado na década dos 60. Mas dispus-me a avançar, se a Igreja me chamava. E já vão decorridos 16 anos.

**Preparação**

Dizia-se que, em princípio, não seriam aceites ex-seminaristas. Mas muitos dos aceites tinham estado no seminário.

Os primeiros candidatos tiveram preparação teológica, pastoral e espiritual ainda em regime de experiência mas que se prolongou por cerca de quatro anos. Cuidada direcção espiritual, aulas, testes, segundo um curriculum devidamente preparado.

Com retiros e outros meios, seguiu-se o estabelecido para a administração do sacramento da Ordem.

**Aceitação**

A caminhada tivera início praticamente em Maio de 1984, em Fátima. As primeiras ordenações efectuaram-se na Sé Patriarcal a 18 de Julho de 1987. Este primeiro grupo, em número de sete (como nos Actos dos Apóstolos)

foi constituído por mim e pelos diáconos Leopoldo Vaz, Luís Aparício, Luís Miranda, Manuel Melo, Manuel Valinho e Tomás de Lima. O Senhor já chamou a Si os diáconos Miranda e Melo.

Poucos dias depois, o Senhor Patriarca, em conversa pessoal, definiu a paróquia ou Serviço para cada um.

No meu caso – e em geral, salvo raras excepções – tanto os presbíteros como as comunidades aceitaram a inovação e acolheram bem os novos ministros da Igreja. No meu caso pessoal, com excepção de um único caso de dificuldade em ser aceite pelo pai da noiva, o carinho e consideração são evidentes.

**Acção realizada no exercício do ministério**

A colocação numa paróquia incluía, como é lógico, a orientação do respectivo pároco. Nos 16 anos de exercício do ministério vou em 2° pároco com diversos vigários paroquiais. Tem corrido sempre tudo bem em perfeito entendimento e colaboração. O mesmo direi a nível de Vigararia e respectivas reuniões.

Continuando a colaboração em traduções de textos, boletim paroquial, etc., tenho tido a meu cargo o atendimento no âmbito dos baptismos e dos matrimónios e a celebração destes sacramentos quase todos a meu cargo. Têm-me também sido cometidas tarefas de assistência espiritual a alguns grupos paroquiais, celebrações como reposição do Santíssimo Sacramento e outras.

**Dificuldades**

Nada está isento de dificuldades. E certamente que estas aumentam em função da magnitude da tarefa. Todavia, desde já rendo graças ao Senhor nosso Deus, pois que talvez me possa confessar privilegiado em comparação com alguns colegas.

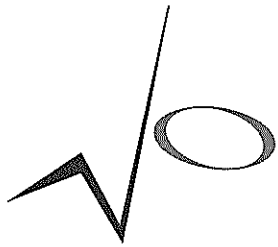
Mas dificuldades advêm também da própria fraqueza pessoal: dificuldades de saúde, dificuldades intelectuais, algumas faltas de generosidade. As pessoas com quem venho a trabalhar, são também muitc diversas e há que seguir comportamentos adaptados. Mas tudo isso é humano e ultrapassável. Mais difícil é enfrentar situações de ignorância, de pretensões inaceitáveis, de dificuldades de vária espécie: intenções menos nobres ou de deficiente compreensão nos pedidos de sacramentos, nas candidaturas de padrinhos, etc.

**Vida profissional e vida familiar**

Quando do curso de preparação para o diaconado, foi-nos recomendada a seguinte hierarquia: Primeiro, a família; depois, a profissão e só em terceiro lugar é que vinha o ministério. Pessoalmente, não tive nem tenho dificuldades: Quanto à profissão, ainda estive no activo por cerca de quatro anos. Nunca houve conflito entre o exercício da profissão e o ministério diaconal. Também nunca houve necessidade da faltar à família ou de deixar de responder ao ministério por causa daquela.

**Formação permanente**

A preparação para o ministério tem evoluído e, hoje, certamente será mais apurada que a experimentada com os primeiros candidatos. Mas sempre houve o cuidado de ser suficiente, do ponto de vista intelectual, académico, moral e espiritual. E porque é indispensável a permanente actualização, desde sempre, a nível diocesano como nacional, se tem cuidado de encontros periódicos, quer em cada diocese, quer para todo o país, normalmente em Fátima. Isto sem dispensar o cuidado pessoal pela leitura, pelo estudo, por uma vida espiritual bem cuidada, pelo convívio a nível de clero, em geral e de diaconado em particular. Não se dispõe de muitos instrumentos, mas alguma coisa vai aparecendo, a nível nacional e de outros países.



# TESTEMUNHO

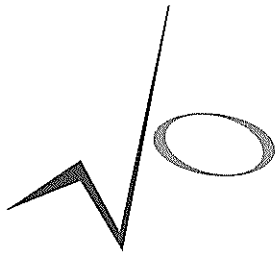
Diácono José Alberto Carvalho da Silva

Como diácono permanente, ao longo deste quase ano e meio ao serviço, pude compreender melhor a minha condição de baptizado, quer na vocação à santidade – *sêde perfeitos como o vosso Pai é Perfeito* –, quer na missão a que é enviado o cristão, isto é servir a Deus nos irmãos, ser Igreja. E se é verdade que servir, é próprio do cristão, – *Eu vim para servir e não para ser servido* –, é-o ainda mais no ministério diaconal. É neste contexto, que tenho procurado servir os irmãos, como o Senhor me pede.

Uma das vertentes, se é que se podem separar, é a do anúncio do Reino. Tento pôr a render os talentos que o Senhor me deu, e fazê-los frutificar no anúncio do Evangelho, pois tenho sempre presentes as palavras de S.Paulo: *Ai de mim se não evangelizar*, e também a preocupação do Santo Padre com a reevangelização da Europa. Por isso e como diácono, no serviço a que sou chamado nas paróquias, tenho procurado, com paixão, anunciar a Boa Nova, e faço-o quer no CPB e Baptismos, quer no CPM e celebração do Matrimónio, nas celebrações de exéquias fúnebres, também no Movimento dos Cursilhos de Cristandade e, de modo especial, nas celebrações da Palavra que sou chamado a celebrar. Mas tenho tido a

preocupação, embora com a consciência da minha fragilidade, de fazer do Evangelho conduta de vida pessoal, familiar e profissional, e por isso abracei a minha profissão ainda mais neste sentido de missão, procurando servir mais, e estar ao serviço daqueles que o procuram, e daqueles a quem procuro, sempre com o olhar de Cristo que me interpela, e me impulsiona, para servir cada vez mais.

Sinto cada vez mais a necessidade de sermos construtores do mundo novo, do Reino de Deus, que o Senhor tanto quer, e isso é possível anunciando o Evangelho, testemunhando o Evangelho, e acima de tudo vivendo o Evangelho. 



# TESTEMUNHO

Acácio Lopes
Candidato ao Diaconado Permanente

**1.** Convidado a dar testemunho pessoal do meu sentir e do meu viver enquanto candidato ao Diaconado Permanente, confesso ter experimentado alguma confusão de sentimentos. Que tipo de testemunho poderá ser o de alguém que se encontra no início do primeiro ano de formação?! Que vive, ainda, os efeitos da perplexidade que lhe causou o chamamento ocorrido na véspera de Pentecostes de 2002?! Que experimenta dúvidas e se sente *esmagado* pela responsabilidade da missão para que foi chamado?! Que questiona diariamente a sua dignidade pessoal perante a grandeza kenótica do ministério?!

**2. Segue-Me**

O imperativo da expressão *martelou-me* o espírito, de modo insistente, durante o período que mediou entre o *chamamento* e o *sim*. Foram semanas de deserto: de oração e reflexão; de diálogo com Deus e comigo mesmo. Foi ocasião de ouvir outras vozes: da família, de amigos; de confrontar reacções. Foi tempo de tentação: do óbvio, do imediato, do mais fácil, da autojustificação, da

autocomiseração, da autocomplacência. Foi palco de tensão: entre a carne e o espírito, entre a razão e a fé, entre o desejo imediato e a esperança escatológica, entre o interesse pessoal e o amor oblativo. Foi lugar de discernimento: das condições pessoais, das circunstâncias familiares e sociais, das necessidades eclesiais, da vontade de Deus.

E o desassossego continua. *Segue-Me*! Para onde? Para quê?

A fé, vivida por entre os escolhos do mundo, a formação cristã, a meditação da Palavra de Deus, a vivência na comunhão da Igreja, tinha dado a consciência de que a vocação cristã era, fundamentalmente, um chamamento à Vida: a, enquanto homem, criado à imagem de Deus, viver progressivamente o destino de me ir tornando à Sua semelhança; e um chamamento à santidade, tornando-me semelhante a Deus escolhendo o caminho da cristificação. Esta seria, estava disso convencido, a minha vocação de cristão.

O desafio do Pentecostes de 2002, o desafio hoje, representava e representa um salto significativo com implicações iniludíveis na vida pessoal, familiar, profissional e social: que viva e realize a vocação à Vida e à Santidade, no seio da Igreja, por meio de um ministério ordenado específico – o diaconado.

Que ministério é este?! Qual o seu lugar no seio de uma Igreja toda ela, de si, ministerial?

### 3. Onde moras? Vem e vê.

A anuência, a adesão e a fidelidade a uma vocação específica representam, sem dúvida, a resposta pessoal a um chamamento. Manifestam, por isso, a vivência subjectiva de um dom especial de Deus, veiculado pelo Espírito Santo, concedido a alguém em particular.

Todavia, ninguém pode conferir a si mesmo o dom e a graça. Toda a vocação ministerial nasce, objectivamente,

no seio de uma Igreja que é Povo de Deus (que o próprio Deus escolheu), que é Corpo de Cristo (radicada na Encarnação de Jesus, na qual a divindade atravessa a humanidade e nela vive) e Templo do Espírito Santo (nascida, no Pentecostes, do Espírito do Pai e do Filho em unidade intrínseca); que nasceu do testemunho dos apóstolos, do kerigma e da vivência do Espírito de Deus na caridade, que é comunhão (koinonia) e serviço (diakonia). Diakonia alimentada e celebrada na liturgia que fomenta e fundamenta a koinonia. A Igreja ministerial é uma Igreja de serviço (de diaconia). A missão diaconal é, necessariamente, obra eclesial e não individual.

Parece, então, se é que o nome corresponde à essência, que o ministério de diácono é aquele que concentra em si mesmo a essência fundamental de todo o ministério eclesial, ou de toda a Igreja ministerial. Que representa a visibilidade e a vida daquilo que é, por natureza, a própria Igreja. Que é pessoalização ministerial daquilo que é tarefa de todos para o serviço de todos. Que é representação simbólica e sacramental de Cristo-Servo. Que é sacramento da diaconia de Cristo, da Igreja e de todo o ministério hierárquico.

E, se o plano do agir deve corresponder ao plano do ser, tal ministério exerce-se, naturalmente, na animação da diaconia das diversas comunidades e nas diversas comunidades. Torna, deste modo, manifesto o mistério da vida e comunhão trinitárias em tensão e acção missionárias na história em favor de homens e mulheres reais e concretos que vivem o drama e tecem a trama das suas vidas reais e concretas, a fim de os fazer partilhar dessa mesma vida e comunhão trinitárias.

**4.** Se qualquer ministro ordenado é uma testemunha qualificada de Cristo, representante da comunidade cristã e sinal do Espírito na Igreja, o diácono permanente não é,

então, um *funcionário* religioso, mas pastor da Igreja que exerce o poder (serviço) de Cristo nos sentimentos de Cristo, ou seja, no amor com que Deus ama os homens e não um amor construído na base de sentimentos, simpatias ou afinidades pessoais. O ministério exige-lhe que deixe de viver a partir de si, que renuncie aos pequenos prazeres obstaculizantes da sua missão, que abandone ambições e vaidades pessoais. O ministério exige-lhe que viva a partir de Deus para Deus e para os outros, sobretudo os mais necessitados.

**5. Recebe o Evangelho de Cristo, do qual te deves converter em anunciador.**

Reside, aqui, o *nó górdio* da questão: ser diácono na Igreja no dealbar deste novo século há-de significar viver intensamente o projecto de renovação dessa mesma Igreja dinamizada pela urgência e pelas exigências da *nova evangelização*.

Uma Igreja que se reconhece anunciadora e serva universal de um projecto de Deus-Trindade para os homens de todos os tempos e lugares. Que sabe que a construção do Reino de Deus não é um projecto nascido da inteligência e vontade humanas, mas uma iniciativa do próprio Deus em favor dos homens para uma comunhão com Ele, desde já e por toda a eternidade. Que o projecto divino de construção do Reino é proposto aos homens tendo Deus como protagonista na pessoa de Jesus Cristo, com o objectivo de os resgatar para partilharem com Ele, a partir do aqui e agora da sua existência histórica e por toda a eternidade, uma comunhão plena de paz, alegria e felicidade. Que o plano de construção do Reino é, na verdade, um projecto filantrópico do Deus-Amor. Que, de facto, o Reino de Deus é um projecto de desenvolvimento histórico-antropológico que recebe o seu fundamento e plenificação numa realização escatológica, a partir das circunstâncias concretas em que vivem os homens

e as mulheres em cada tempo e lugar. Uma Igreja reveladora de que o Reino de Deus, tal como Jesus o veio anunciar, não é uma realidade relegada para o fim dos tempos, nem uma realidade de cunho espiritual que aconteça fora do mundo dos homens. De que a característica estrutural e estruturante de toda a acção de Jesus é a transformação de situações de morte em situações de vida, de situações de opressão em situações de libertação. Proclamadora de que, pela acção de Jesus, Deus se afirmou como Deus da Vida e dos vivos. De que o Reino de Deus é o Reino da Vida e Liberdade. De que o futuro do homem é Deus.

*Nova evangelização* que tem de enfrentar os desafios do mundo contemporâneo (a perda de consciência das referências cristãs; a globalização e o multiculturalismo; a diminuição do número de católicos *praticantes*; a perda progressiva da influência cristã na sociedade). Que tem de reconhecer, paralelamente, os contrastes sócio-culturais (uma procura religiosa cada vez mais intensa, a maioria das vezes eivada de sincretismo, relativismo e falta de discernimento; o desejo de absoluto, inscrito no coração do homem; a procura de respostas explícitas aos seus apelos e dificuldades; a busca de sentido para a vida pessoal e para a história). Que deve auscultar as necessidades actuais duma Igreja que pretende dar resposta positiva aos anseios do homem contemporâneo (um novo dinamismo missionário no interior das paróquias e movimentos eclesiais; uma partilha da informação e troca de experiências e de métodos eficazes de evangelização entre os vários agentes pastorais; uma reflexão teológico-pastoral profunda sobre os fundamentos e objectivos da missão evangelizadora; a multiplicação de tempos e lugares de celebração e oração na busca de uma autêntica comunhão eclesial).

Em suma: uma Igreja que, empenhada na necessidade, na urgência e na dinâmica da *nova evangelização* deverá responder, em primeiro lugar para si própria, às questões

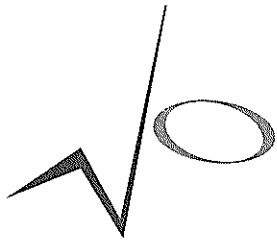
fundamentais que estão na sua origem: Como ir ao encontro dos homens de hoje nas suas alegrias e esperanças, angústias e tristezas? Como testemunhar pela palavra, pela vida, pela acção e pela celebração que o encontro com Cristo e a experiência do seu amor misericordioso e próximo é fonte de paz, de alegria, de felicidade e de uma nova esperança para todos os homens e mulheres, sem excepção?

**6.** É numa e para uma Igreja assim (questionante, reflexiva, aberta à novidade, ao porvir e à manifestação do Espírito, comprometida com as necessidades dos homens concretos, empenhada, sem concessões demagógicas, na defesa dos autênticos valores do Reino de Deus e na proclamação das suas exigências salvíficas) que descortino o horizonte da vocação a que creio ter sido chamado.

Como tornar-me vínculo vivo entre a liturgia e a vida cristã, entre o ministério do altar e a prática da caridade, entre a mensagem cristã e o mundo a que a mesma se dirige? Como tornar viva e actuante a presença de Cristo vivo no meio de um mundo seriamente marcado pelo desânimo, pela angústia, quiçá pelo desespero? Como dar a saborear a Boa Notícia da redenção? Como revelar aos homens e mulheres de hoje Cristo morto e ressuscitado? Como dar razões da esperança escatológica que anima a Igreja de Cristo e deverá preencher o desejo íntimo de libertação e salvação de toda a humanidade?

É incomensurável o desafio da missão. É inquestionável a fraqueza das capacidades humanas. É insondável o desígnio de Deus. É, todavia, *palpável* a Sua graça infinita e a presença do Seu Espírito, em mim e na Igreja que pretendo servir.

Rezo, todos os dias, para que seja inquebrantável o ânimo.



# TESTEMUNHO DOS ALUNOS DO CURSO CARDEAL RIBEIRO SOBRE A VIAGEM À GUINÉ

Curso Cardeal Ribeiro

*Na metadi di nos ermons!*[1]

Tudo começou como uma simples conversa de café quando decidíamos que rumo dar à nossa viagem de finalistas. Até que surgiu a ideia: *Porque não um tempo de missão em África?* Esta ideia desde logo agradou a quase todos, mas com alguma persistência e esforço rapidamente se alargou a todos. Surgiram então as dúvidas: Onde, quando, como, e acima de tudo porquê? Após algumas reuniões decidimos que o rumo a seguir seria a Guiné-Bissau, por dois motivos: Em primeiro lugar porque é um país Africano, e em todos nós havia o desejo de conhecer este continente tão ligado ao nosso povo; o segundo motivo é por ser a terra natal do Pe Quintino, padre da diocese de Lisboa que nos acompanhou alguns anos como colega no seminário, e que tinha mostrado interesse em celebrar Missa Nova em Mansoa, terra onde conheceu o cristianismo e deu os primeiros passos no caminho da fé.

1 No meio dos nossos irmãos!

Começámos então os preparativos para encetar esta aventura tão esperada e encantadora. Sabíamos que este caminho prévio seria difícil. Desde cedo começaram a aparecer os imprevistos. Desde a situação de insegurança política ao clima de chuvas nessa altura do ano, tudo nos parecia indicar que o melhor seria mudar o destino deste projecto. Mas o Senhor providencia e à medida que se foi aproximando a data de partida tudo se foi resolvendo. Angariámos fundos e lá partimos a 9 de Agosto de 2003. Esperava-nos um mês cheio de descobertas, de partilha e acima de tudo um mês para alargar os horizontes.

Partimos de Portugal com o Pe. Tito e o Pe. Quintino com um sol radiante e temperaturas acima dos 30° graus e chegámos a Bissau no meio temperaturas amenas, chuva, e uma humidade sufocante. A sensação inicial foi a de que estávamos noutro mundo, noutra época, noutra cultura.

Fomos acolhidos no Seminário menor de Bissau e desde logo nos deparámos com uma hospitalidade muito calorosa que marcou toda a nossa estadia. A maior parte do tempo estivemos no seminário o que deu a oportunidade de estar no coração da diocese e conhecer esta Igreja nascente cheia de esperança e entusiasmo. O clero diocesano e os missionários nesta altura possam pelo seminário frequentemente o que nos deu a alegria de estar com eles, de partilhar experiências e aprender no concreto como se constrói Igreja ao ritmo do Espírito, mesmo quando faltam os meios que nos parecem os mais essenciais.

Ao princípio não sabíamos bem como iria ser distribuído o nosso tempo pela Guiné, nem as actividades que iríamos realizar. mas mais uma vez o Senhor providenciou e muitas foram as solicitações e os pedidos. Assim começamos a dar aulas de Teologia na paróquia de Cristo Redentor, onde se juntava um grupo de noventa fiéis jovens e mais velhos, cuja a curiosidade e ânsia de aprender nos impressionou e entusiasmou. Demos aulas de

Introdução à Bíblia, de liturgia, de português e até de viola. Esta foi uma actividade que nos ocupou todo o mês. Um dos nossos objectivos da viagem era preparar a Missa Nova do Pe Quintino, que teve lugar no segundo Domingo da nossa estada. Para esta festa juntou-se a nós um grupo de amigos de Portugal: Pe Lereno, D. Felicidade, D. Ivone e a D. Rosa.

Ao som de ritmos africanos a missa nova foi vivida em clima de festa e grande alegria na companhia de muitos irmãos e irmãs da comunidade de Mansoa. A mesa da Eucaristia prolongou-se na mesa do convívio fraterno onde saboreámos a comida africana e dançámos embalados pela música tradicional.

Na segunda semana foi tempo de nos separarmos. Alguns de nós partiram para o interior da Guiné respondendo a um convite que nos foi feito de ajudar numa campanha de vacinação. Esta foi uma experiência muito gratificante que nos permitiu contactar de perto com as populações nativas nas suas aldeias (tabancas). Sem água, luz e outros *bens essenciais* a que estamos tão habituados, esta gente vive o dia a dia em pequenas comunidades onde o cristianismo muitas vezes ainda não chegou e onde o paganismo faz sentir a urgência da força libertadora do Evangelho.

Nesta altura estávamos dois a dois em várias parte do norte da Guiné: uns em Suzana, outros em Ingoré, outros ainda em Bijene, participando na vida e actividades dos padres e irmãs missionários. Para nós foi também um testemunho conhecer a vida das missões, que no meio da pobreza e das dificuldades são oásis de esperança na construção de um pais mais justo e fraterno. Alguns de nós estávamos ainda em Bissau garantindo as aulas de Teologia.

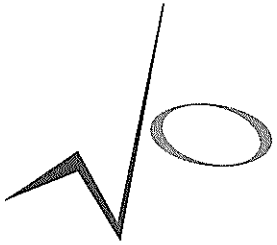
Na terceira semana foi tempo de trocarmos, uns foram para o norte continuar a campanha de vacinação e os que lá estavam vieram garantir as aulas na paróquia de

Cristo Redentor. Por fim juntámo-nos na última semana para visitar a terra do nosso amigo Pe. Quintino e a sua família. Nesta semana foi tempo também de visitar a recém criada diocese de Bafata e conhecer uma diocese que começa do nada e que com esperança e muita paciência e dá os primeiros passos. Ver uma esperança que nos ensina a esperar, sem desesperar, que nos mostra que de facto os ritmos e os caminhos de Deus são outros!

Ao voltar para Portugal trazíamos na bagagem o testemunho de uma Igreja, que no meio de muitas dificuldades, vive a alegria de uma esperança que lhe vem do alto; um clero diocesano que, dando os primeiros passos, nos mostrou a união e amizade de alguém que dá a vida por um povo que espera ansiosamente a manifestação dos filhos da Luz!

Este tempo de missão foi para nós muito gratificante. O sentimento que nos vai na alma é que o pouco que demos foi recompensado pelo muito que recebemos. Foi um alargar os horizontes e perceber no concreto a dimensão e missão universal (católica) da Igreja. Descobrimos que a aventura missionária não se pode restringir a um satisfazer das necessidades mais básicas das pessoas, mas é no seu íntimo mais profundo um anúncio do dinamismo transformador e humanizador do Evangelho.





# CRÓNICA

Valter Malaquias

*Cristo é a nossa Esperança* pode ser o lema que nos reúne para mais um ano de seminário. Para os doze que chegaram de novo, foi o descobrir e redescobrir novos caminhos e novos desafios, para os que já cá estavam esses novos caminhos e desafios não os deixam ficar instalados. Aos trinta e seis alunos e à equipa formadora, guia a mesma Esperança visto que *em virtude do seu ministério, os sacerdotes são chamados de um modo especial a celebrar, ensinar e servir o evangelho da esperança (A Igreja na Europa nº 34).*

| DIOCESE | 3º ANO | 4º ANO | 5º ANO | 6º ANO | TOTAL |
|---|---|---|---|---|---|
| LISBOA | 9 | 3 | 6 | 5 | 23 |
| SANTARÉM | 2 | 0 | 1 | 1 | 4 |
| FUNCHAL | 0 | 2 | 3 | 2 | 7 |
| S. TOMÉ | 0 | 1 | 0 | 0 | 1 |
| CABO VERDE | 1 | 0 | 0 | 0 | 1 |
| TOTAL | 12 | 6 | 10 | 8 | **36** |

Começámos o nosso ano com uma recolecção que serviu para nos centrarmos no novo ano que estávamos a iniciar. A Vida do seminário começa com o seu ritmo e por isso reatámos os nossos encontros de Quarta – Feira, dia comunitário, com a visita ás Missionárias da Caridade de Chelas, nas vésperas da beatificação da Madre Teresa de Calcutá.

Um grande acontecimento foi a celebração do Terço vivo, proposta de oração do nosso Bispo para comemorar o vigésimo quinto aniversário do pontificado do Santo Padre. Foi um momento de festa e de alegria por nos vermos no meio de tanta gente que cultiva, celebra e testemunha a fé Católica em comunhão com o Papa e com o nosso Patriarca. Foi também para nós, futuros pastores, um momento interpelante: somos chamados a servir o povo que Deus ama, com a mesma dedicação com que o serve João Paulo II. O nosso dia-a-dia é marcado pelas datas que vamos comemorando. Trata-se não só dos aniversários de cada membro da comunidade de seminário mas também das celebrações da Igreja Universal e da Igreja de Lisboa. Celebrámos o aniversário do início do pontificado do Santo Padre, no dia 22 de Outubro, celebrámos o 72º aniversário do Seminário nos Olivais no dia 24 e a dedicação da Sé Patriarcal no dia 25.

No Domingo seguinte recebemos os pais aqui no seminário, foi um momento agradável de reencontro e de convívio. No dia 29 a Drª. Aura Miguel esteve connosco para falar sobre o seu recente livro, e também sobre a pessoa do Santo Padre. No dia seguinte fomos a São Vicente, à Missa das universidades, onde o Senhor Patriarca convocou os universitários de Lisboa para o Congresso da Nova Evangelização e onde apelou à disponibilidade dos jovens para se empenharem no dito congresso.

Os nossos encontros de Quarta-Feira voltaram a pôr na ordem do dia o tema da esperança, através da proposta

do nosso Reitor para *mergulharmos* na carta do Papa *Pastores Gregis*. O Senhor D. Manuel deu-nos alguns excertos para reflexão e a conclusão a que chegámos é a de que, cada vez mais, é preciso dar e ser sinal de Esperança, hoje, onde impera o desespero. Celebrámos o magusto dos seminários em Penafirme, no dia 8 de Novembro, e trouxemos a taça para casa. Iniciámos assim vitoriosamente a semana dos seminários que também acabou muito bem, com um encontro que realizámos aqui no seminário, com jovens das paróquias onde nós colaboramos aos sábados e Domingos. Foi um tempo de mútuo conhecimento e de convívio. Tivemos a nossa segunda Recolecção nas vésperas do nosso Padroeiro e o Pe. João falou-nos de Cristo Rei; Rei que nos chama a acompanha-l'O, Rei que nos quer ao seu lado. para que sejamos cada vez mais imagem sua, imagem do Rei *"que veio não para ser servido mas para servir e dar a vida em resgate de muitos"* Mt. 20,28.

Na continuação as nossas noites de Quarta-Feira tivemos connosco o Dr. José Luís Ramos Pinheiro, da Rádio Renascença que nos falou das relações entre a comunicação social e a Igreja. Foi interessante e também oportuno numa altura em que nos sentimos usados pela grande reportagem da Sic. A relação entre a Igreja e os *media* é muitas vezes difícil devido à falta de conhecimento da realidade eclesial.

Iniciámos o tempo do Advento com a ordenação dos novos Diáconos, eles são para nós motivo de muita alegria e de muita esperança. A entrega que o Jorge, o Nuno, o Paulo, o Rui Gomes e o Rui Pedro fizeram de si mesmos, que o Ricardo Madeira já antes fizera e que o Giselo e o Silvano fizeram a seguir ao Natal é para todos nós um sinal eloquente do amor que Deus tem pelo seu povo. É resultado de um caminho que eles já percorreram e que nós estamos a percorrer, e isso anima-nos, pois queremos chegar onde eles já se encontram.

Na diversidade dos nossos encontros comunitários

nas noites de Quarta-Feira vieram falar-nos os Missionários do Verbo Divino, sobre a missionação na China, com as dificuldades, sofrimentos e desafios de uma igreja que é minoritária, vista com desconfiança por grande parte da população e usada pelo governo para fins políticos e de propaganda.

Fomos à festa do Seminário de Penafirme, no dia 7 de Dezembro. Celebrámos a Imaculada Conceição na Sé, fomos também à inauguração do Centro de Espiritualidade do Turcifal, o Senhor D. José salientou o esforço da Diocese posto naquele projecto e salientou também a opção pela oração como um elemento essencial para o cristianismo nos nossos dias.

No dia 17 de Dezembro celebrámos a nossa festa de Advento, um tempo de convívio e confraternização com todos os que vivem e colaboram no Seminário. Tempo de contemplação da Encarnação do Verbo de Deus, iluminado pelo profeta Isaías.

Terminando as aulas no dia 19 regressou cada um a sua casa, com o convite de participarmos nos Mistérios natalícios na Sé, reencontrámo-nos por isso no dia 24 para a Missa da meia-noite, e na manhã seguinte para a celebração da Missa de Natal.

Regressamos já neste novo ano, agraciados pela Luz que se manifestou nas diversas festividades da divina liturgia. E assim, nos reunimos de novo, nas Vésperas II da Epifania do Senhor, no dia 4 de Janeiro.

Com a nossa congratulação pela nomeação do Pe. Tito e do Pe. João para cónegos da sé Patriarcal encerramos esta crónica da vida do Seminário.

NO PRÓXIMO NÚMERO:

# A INICIAÇÃO CRISTÃ

